

plurale

em revista

ano um | nº 4 | jan/fev. 2008 | R\$ 10,00

| AÇÃO | CIDADANIA | AMBIENTE

100 ANOS

SIMONE DE BEAUVOIR
FEMINISMO E LUTA

SALVADOR

BAHIA DE TODOS OS
SANTOS E PECADOS

MANGUEIRA

MESTRE CARTOLA
ESCOLA NOTA 10





cuidado com as propostas de trabalho que você recebe.
Obrigar você a trabalhar por dívida é crime, é **trabalho escravo**.

NÃO SE DEIXE ENROLAR: PROMESSA DE GATO É COISA DE TRABALHO ESCRAVO. Diga não!

O trabalhador é importante e sempre tem seu valor reconhecimento digno merece o trabalhador e justa pelo suor para acabar sua dor.

Não aceite falsas promessas e não se deixe enganar assim a escravidão poderá se terminar e se algo der errado procure denunciar.

Que os fiscais do trabalho vêm logo pra lhe salvar o gato não tem poder se o trabalhador se cuidar e com ajuda de todos a escravidão vai acabar.

A seca, a falta de terra fazem faltar o alimento sem o crédito agrícola o trabalhador em sofrimento deixa a casa e a família e vai em busca do sustento.

Que o trabalhador não merece ter um destino ruim os gatos prometem trabalho e dinheiro sem pantim mas lhe dão trabalho escravo e sofrimento até o fim.

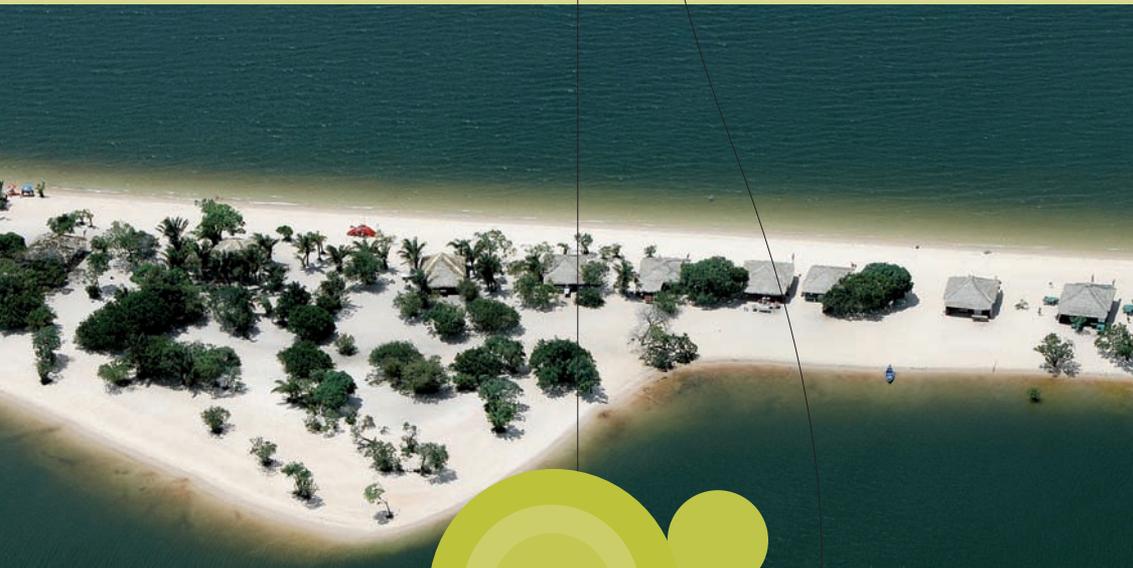


Trabalho Escravo
Vamos abolir de vez
essa vergonha.

Contexto

● PELO BRASIL
32 A 35

● PELO MUNDO
38 A 41



48.

**CASAL MOSS
NAS MARGENS
DOS RIOS**

● CERIMÔNIA DO
ADEUS
46

● CARBONO NEUTRO
64



56.

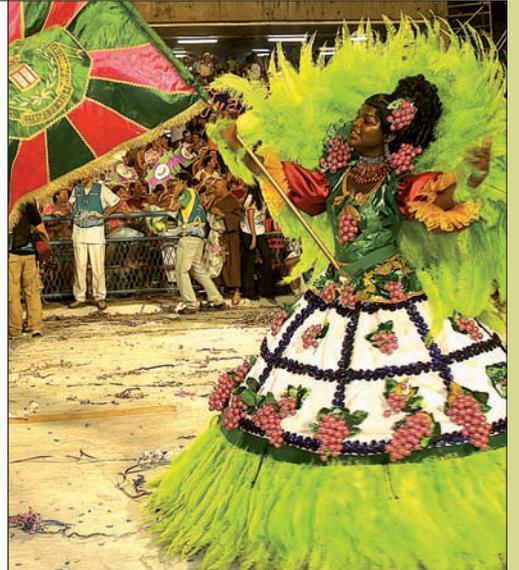
Bazar 36 ético

42.

100 ANOS DE
SIMONE

16.

NAS SOMRA
DE UMA
VELHA
MANGUEIRA



58.

ENSAIO
BAHIA
NAS ASAS DE
GILBERTO
FREYRE



28.

DEBATE PLURAL
EM DEFESA DAS
FLORESTAS



MEL
A COLMÉIA

52.

VELHO CHICO
A ATRIZ, O BISPO
E O POLÍTICO



Quem faz a plurale

Diretores

Carlos Franco
carlosfranco@plurale.com.br
Sônia Araripe
soniaararipe@plurale.com.br

Diretor comercial

Henrique Bertini
comercial@plurale.com.br

Editor de arte

Marcelo Begosso
plurale@plurale.com.br

Fotografia

Luciana Tancredo, Cacalos
Garrastazu, Agência Brasil e
Maradentro

Colaboradores nacionais

Múcio Bezerra, Isabel Capaverde,
Marcelo Pinto, Vicente Senna, Nícia
Ribas, Geraldo Samor, Sérgio Lutz e
Tiago Ribeiro

Colaboradores internacionais

Renata Mondelo, Virginia Silveira,
Yume Ikeda, Marta Lage e Ivna Maluly

Plurale é a uma publicação
da Editora Olympia (CNPJ 07.596.982/0001-75)
em parceria com a SA Comunicação Ltda
(CNPJ 04980792/0001-69)
Impressão: Gráfica Ideal
Revista impressa em papel reciclado

Rio de Janeiro | Rua Etelvino dos Santos 216/202
CEP 21940-500 | Tel.: 0xx21-39040932
São Paulo | Alameda Barros, 66/158
CEP 01232-000 | Tel.: 0xx11-92310947
Uberlândia (MG) | Avenida Afonso Pena, 547/sala 95
CEP 38400-128 | Tel.: 0xx34-32530708

Os artigos só poderão ser reproduzidos com
autorização dos editores
» Copyright Plurale em Revista



Cartas

plurale@plurale.com.br

A revista está muito boa. Só tenho uma sugestão a dar: prefiro matérias mais curtas. Já leio bastante material extenso no dia-a-dia, seja no trabalho ou para o mestrado. Fazendo uma enquete informal, acabei notando que muita gente pensa da mesma forma. Mas, mesmo assim, adorei. Acho que a revista integra e é mesmo plural.

Ana Lúcia Henrique Teixeira Gomes
Relações Públicas, Brasília

Agradeço, cordialmente, o envio de exemplar do número 3 de Plurale em Revista, com reportagem de capa sobre São João Del Rey (MG). Felicito a equipe pelo ótimo conteúdo e formulo votos para que a revista, em 2008, consiga, cada vez mais, levar essa boa mensagem aos seus leitores.

Adionel Carlos da Cunha
Assessor de Imprensa da Arquidiocese do Rio de Janeiro

A equipe de Plurale em revista e Plurale em site está de parabéns pelo belo conteúdo e abordagem. Fiquei emocionado com a matéria no número 3 de Sônia Araripe sobre São João del Rey e diante do belo exemplo narrado por Nícia Ribas contando o engajamento do voluntariado na Casa Ronald McDonald, no Rio. Muito interessante também a entrevista do publicitário Marcelo Serpa por Carlos Franco. Uma edição completa!

Abelardo Castro, Rio de Janeiro

Obrigada pelo envio de Plurale em revista. A revista está linda! Ficamos a disposição de vocês caso desejem uma pauta sobre orgânicos.

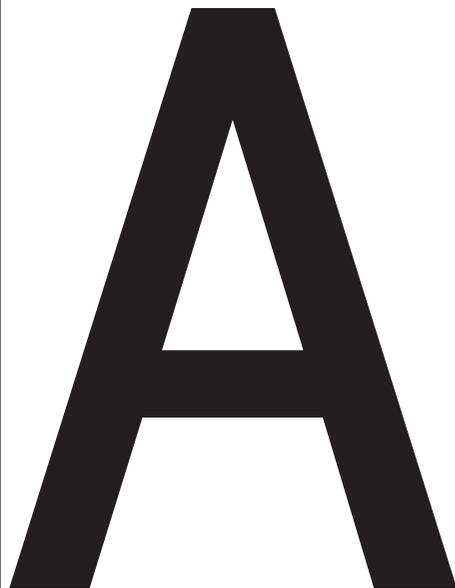
Flávia Werdan, Gerente de Marketing
Butik Orgânicos, Rio de Janeiro

Quero parabenizá-los pela Plurale. O nome condiz com a revista, bem diversificada, totalmente informativa. Nos informa sobre projetos sociais e ambientais em andamento, nos incentiva a ser cidadãos participativos e responsáveis socialmente. A revista está bonita esteticamente, toda em papel reciclado. Fantástico! Precisamos de mídia assim, trabalhando em prol do planeta sustentável e da pessoa humana. Êxito e sucesso!

Márcia Melo, Rio de Janeiro

Li Plurale e vi que o assunto é formidável. Que bom saber que há tanta gente do bem no Brasil nesse mar de lama de roubo, de egoísmo, corrupção... Parabéns pela matéria de cinema (de Isabel Capaverde, número 2, novembro). Plurale é excelente: tomara que funcione nesse país tão carente de projetos de conteúdo.

Denise do Egito, Rio de Janeiro



PLURALE EM DOSE DUPLA EM 2008

quarta edição da **Plurale em revista** chega às suas mãos em ritmo de carnaval. Mergulhamos no universo de Cartola, no da Nova Guarda do samba e no da Mangueira, a escola que este mestre fundou em 1928 em verde e rosa. O projeto da Mangueira envolve hoje empresas e a sociedade na construção de um tempo melhor, aquele tão cantado nos sambas. E o fazemos em dose dupla, aliando a edição de janeiro a de fevereiro, sem perder o compromisso de editarmos anualmente 12 revistas, só que aliando-as, a partir de 2008, a projetos especiais de forma a tornar também sustentável esse projeto de revista impressa que passa ser bimestral em sua edição normal e site que envolve amigos de várias redações e relações solidificadas ao longo dos anos, somadas aos novos que, de mansinho como nos bons sambas, estão chegando com contribuições valiosas, que também contemplam **Plurale em site**, com atualização diária no endereço www.plurale.com.br.

Entre as edições especiais de 2008, destacamos em março os 200 anos da reinauguração do Brasil, com a chegada em 1808 da Corte Portuguesa, que mudaria a face do País descoberto em 1.500. Já em maio, os 100 anos da imigração japonesa ocuparão o centro da publicação impressa.

Tudo sem perder de vista o tripé desse projeto que está ancorado em três palavras que se conjugam sempre no plural: ação, cidadania e ambiente. Sem ação nada se faz. Sem o exercício de cidadania o fazer se anula. E tudo o que se faz implica impacto no ambiente, seja a natureza seja o espaço corporativo do trabalho, do estudo, da casa, do lazer, do prazer ou, lamentavelmente, da ausência deles.

De uma história saborosa de abelhas passando por uma viagem nas asas do avião com o qual o casal Moss percorre o Brasil, chegamos à Bahia de todos os santos e de todos os pecados imortalizada por Gilberto Freyre. No ano do centenário de Simone de Beauvoir, trazemos de volta às páginas a sua digna herança e aproveitamos, em texto sensível de José Dirceu, para render homenagem a Heloneida Studart, uma corajosa mulher que fará falta na cena política. E se tivemos perdas, também é preciso contabilizar ganhos. O ano de 2008 se inicia com promessa de maior consciência social, ambiental e econômica. Oxalá, consigamos neste ano transformar projetos em realidade ainda mais palpável e plantar mais, para que todos, especialmente nossos leitores, tanto da edição impressa como virtual, possam colher mais informação e lazer nas nossas páginas. Boa leitura e bom ano novo!

Entrevista

GRANDS ROBOTS



ELE PLANTOU ROSEIRAS PARA
ENCANTAR A AMADA, COMPÔS
SAMBA DE PRIMEIRA E CRIOU
UMA ESCOLA. A
VERDE E
ROSA ESTAÇÃO
PRIMEIRA DE MANGUEIRA.
ANGENOR DE OLIVEIRA, O
MESTRE CARTOLA, FARIA 100
ANOS EM OUTUBRO. MAS A
CADA CANÇÃO SUA EXECUTADA
ELE VIVE NOS SALÕES, NOS
BARES E NAS CASAS DE
ESPETÁCULOS. TAMBÉM ESTÁ
NAS TELAS
DO CINEMA.
EM FILME CUJAS IMAGENS
ILUSTRAM ESSA QUE É UMA
DE SUAS ÚLTIMAS
ENTREVISTAS, ANTES DE
POETA PEGAR O TREM PARA A
ESTAÇÃO DERRADEIRA E
TORNAR-SE UM IMORTAL
DO SAMBA

TEXTO [CARLOS FRANCO]

FOTOS [DIVULGAÇÃO]

Naquele verão de 1980, quando o som do samba invadia a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro para deslavar no carnaval que teria seu momento de deslavada euforia em duas semanas, eu me escalei e Franklin Martins, hoje ministro, meu editor numa publicação alternativa, que pretendia ser a voz das esquerdas e do MDB naqueles tempos, deu aval para que fizesse uma entrevista com o mestre Cartola. O menestrel mais respeitado da Estação Primeira de Mangueira. Ele deveria falar sobre o carnaval que se avizinhava sob a ótica popular. Seguimos, então, eu e Custódio Coimbra, nosso fotógrafo, em direção a Jacarepaguá. As ruas estavam praticamente desertas, porque era um sábado. Não um sábado qualquer, mas o primeiro sábado em que bandas, como a de Ipanema, arrastavam multidões sob a batuta de mestre Albino Pinheiro para as ruas e o Rio parecia parar para ver as bandas passarem como nos versos de Chico Buarque de Holanda.

Não demoramos muito para encontrar a casa de mestre Cartola. Era casa ampla, mais simples, pintada de amarelo e ele havia, dias antes, me explicado como chegar, dando referências para não nos perdermos no caminho. Chegando, ele nos recebeu com ternura. Foram mais de quatro horas de conversa, entre um coxilo e outro do entrevistado.

Cartola falou muito, lembrou seu passado e chegou a cantar músicas - pequenos trechos e um maior daquela que era a sua preferida - "O mundo é um moinho". Mas o momento mais emocionante foi aquele, que ainda guardo na retina: ele nos levou até as roseiras que havia plantado para Zica. "Fiz até música. Plantei as rosas, mas ela não gosta muito de Jacarepaguá, prefere o burburinho da Mangueira. E eu não aguentava mais tanto barulho, tanta casa cheia o dia inteiro. Aqui, tenho mais sossego". Mas o olhar era de tristeza, não uma tristeza qualquer, era terna como se, na verdade, sentisse falta do burburinho, das pessoas buscando fantasias, dos preparativos de última hora para os desfiles.

Aquela entrevista me deixou feliz. Uma felicidade que logo se transformaria em irritação, pois o espaço dedicado era menor do que gostaria - e jornalista, ainda mais principiante, adora escrever e muito. Mário Vitor Santos e Ricardo Lessa, editores-executivos, podaram as minhas asas naquele fechamento. Como estava diagramando a página, apertei o corpo das letras e tentei aproveitar o máximo a conversa, mas ainda achava que era pouco e por pouco não fiz um corte brutal numa das belas fotos do Custódio para escrever mais. Não sabia, nem poderia prever, que naquele mesmo ano, Cartola fosse partir para a constelação estelar da Mangueira. Não a Estação Primeira dos trens da Central do Brasil, mas a derradeira, onde pessoas viram estrelas. Se soubesse choraria por mais espaço.

Como sabia dessa entrevista, minha amiga Yara Cruz, numa conversa de bar, nas mesas do Amarelinho, na Cinelândia, no Rio, onde jornalistas, artistas e desocupados se uniam para chorar mágoas, sugeriu e se prontificou a falar dela para o Alex Vianny, cineasta de primeira, pessoa boníssima, que editava o Engenho & Arte, publicação da Funarte. Explica-se: esse jornal sairia com um número especial sobre Cartola. Yara Cruz, além da TV Globo, atuava como free-lancer naquela publicação.

Não deu outra. Alex Vianny não só concordou em publicar a entrevista, até então inédita, nos papéis e na minha memória, como me disse que o espaço era ilimitado. Eu vibrei, assim como Custódio Coimbra, que tinha feito uma quantidade absurda de fotos que jamais seriam usadas e ali seriam publicadas.

Franklin Martins concordou que publicássemos o material no Engenho & Arte e, de quebra, sabendo da necessidade de ganhar extras para pagar as contas, me arrumou alguns trabalhos com Ismar Cardona, que editava naqueles idos, um jornal sobre agronegócio, num tempo em que nem se falava tanto desse setor da economia. Era o Indicador Rural, onde conheci amigos que trago até hoje como

Livia Ferrari, José Gorayeb, Ana Maria Mandin. E para completar orçamentos apertados, eu e Custódio Coimbra ainda fazíamos alguns bicos para a Belisa Ribeiro, que editava jornais de sindicatos numa pequena empresa, a Lide, na Tijuca.

Então, naquele ano de 1980, em que Cartola partira no dia 30 de novembro, a entrevista com o mestre do samba saía finalmente da gaveta, e, agora, volta nas páginas da Plurale em revista com o devido crédito ao Engenho & Arte, da Funarte, que a publicou no verão de 1981. É em forma de homenagem a Cartola e também ao Alex Vianny, a Yara, o Custódio e todos aqueles que, de direta ou indiretamente, participaram dessa história. É lamentável até que não me lembre de todos, mas na figura dos citados fica a homenagem, em especial para a Flávia Camargos, que me ensinou a diagramar e usar macetes para fazer os textos longos serem menos decepados. E quem reclamou tanto, quando ainda era chamado apenas pelo apelido de "Berlândia", cidade em que nasci, agora, decepa o mesmo texto, extraindo dele apenas as partes principais. Talvez Mario Vitor Santos e Ricardo Lessa estivessem certos desde o início: quanto menor, melhor o texto.

Como surgiu o nome Cartola e qual é o seu nome?

Meu nome é Angenor. Não é Angenor como muitos pronunciam, mas Angenor de Oliveira. Eu nasci no Catete no dia 11 de outubro de 1908. Fui o quarto filho de um total de sete que teve minha mãe. O nome dela era Aída. Morei no Catete até os oito anos, quando a situação financeira da família apertou e fomos morar na Mangueira. A primeira estação dos subúrbios da Central. Da infância, no Catete, guardei na memória as pastorinhas, que usavam roupas verde e rosa, as cores que dei à Mangueira. O apelido Cartola veio do meu trabalho como pedreiro. Eu usava um chapéu, para me proteger do cimento, que me incomodava porque sempre tive problema de pele, aqui no nariz (mostrava ele). Então o chapéu ia ficando incorporado com o cimento e ficava parecendo uma cartola. Os amigos começaram a me chamar de Cartola. Cartola prá cá, Cartola prá lá. Pegou. Nessa época, eu vivia de bicos, não queria estudar nem trabalhar como queria meu pai. Fiz só o primário. Então, sai de casa aos 17 anos - minha mãe já havia morrido - e fui viver a vida, de bicos, de bares e de mulheres.

E começou a compor?

Eu gostava das rodas de bar e sempre rolava um sambinha e essa era uma forma de conquistar as mulheres. Então comecei a escrever e a vender músicas para ganhar uns trocados. Fazia de tudo, guardava e lavava carros, pintava paredes, trabalhava em obras e passei também a vender letras de músicas, que nem guardava mais, nem fazia cópia, compunha e vendia. Mas sabia que eram minhas quando as ouvia. "Que infeliz sorte" fez um tremendo sucesso na voz de Chico Alves, o rei da voz. E isso acabou por projetar mais os sambas que eu vendia, quem era do ramo sabia que eram meus e que aquele era meu. Nessa época, o samba começava a ganhar as ruas, com as agremiações fazendo o seu carnaval na praça Onze e haviam os blocos em vários pontos da cidade. Então, em 1928, eu e uns amigos (ele descrevia cada um deles, o seu Euclides, o Satur (Saturnino Gonçalves), o Mas-su (Marcelino José Claudino), o Pedro Paquetá (Pedro Caim), o Zé Espinguela e o Abelardo Bolinha), decidimos fundar a Mangueira e a

escola ganhou as cores verde e rosa que me lembravam as pastorinhas do Catete que tanto me encantavam quando criança. Fomos campeões de primeira. No primeiro desfile conquistamos o título com um samba-enredo que criei, o "Chega de Demanda". Eram outros tempos, você tinha o samba, os instrumentos que dão vida ao enredo, era relamente um samba-enredo. Hoje, as escolas cantam marchinhas, um refrão repetido para a platéia, mesmo que o compasso do samba precise de música. Eu gosto de samba-enredo. Sempre gostei de histórias bem contadas. Então, hoje tenho o mesmo amor pela escola, vibro com sua apresentação, mas não gosto do samba que aboliu o samba-enredo e colocou em cena o sambamarcha. E tem muita gente nas escolas que nem sabe sambar como antigamente, desfila porque tem as costas quentes, é apadrinhado.

Foi isso que o fez se afastar da Mangueira por um tempo?

Eu nunca me afastei da Mangueira. Isso é história. A Mangueira e o meu coração têm o mesmo pulsar. É que fiquei triste em alguns momentos com os rumos da escola, mas isso passa. São folhas de verão, caem e a árvore fica lá. Depois que fundamos a escola, eu fui também viver um pouco a minha vida. Até que em 1952, viúvo, eu conheci a Zica, que tinha visto ainda criança, nas alas da Mangueira, com a Neuma, mulher do Carlos Cachaça. A Zica (Euzébia Silva do Nascimento) também estava viúva e nos unimos. Só casamos 12 anos depois, em 1964. Somos felizes até hoje. A Zica gosta do samba, gosta de participar da vida da comunidade e a escola é a vida da comunidade. É onde se pode descontrair depois do dia a dia. Eu só decidi me mudar para Jacarepaguá por recomendação médica, porque precisava de ter mais sossego. A Zica hoje tá lá, na Mangueira, ela não perde as feijoadas por nada. E ela é boa de garfo e de cozinha. Chegamos até a montar um restaurante no centro da cidade, o Zicartola, onde reuníamos os



amigos e o pessoal que gostava do samba. O bom de tudo é que o samba hoje é aceito, mesmo que os sambas-enredos tenham perdido a vez para as marchinhas. Mas o samba hoje tem seu lugar, e esse lugar é de respeito.

E as rosas, elas foram plantadas para a dona Zica gostar de Jacarepaguá?

Vamos lá fora, no jardim (é um pequeno espaço de terra em volta da casa, cercada por grades pintadas de branco), eu plantei essas roseiras para alegrar a casa e a Zica. A música veio depois, quando ela cheirou a rosas e disse que não tinham perfume. Eu tinha comprado mudas já com rosas para impressionar. Então, respondi para ela com a música. Nem foi a única que fiz para a Zica, tem também "Nós dois", que fiz antes do casamento. E tem "Tive sim". A Zica é uma grande parceira. A Mangueira também é a sua vida, como é a minha vida. (Ele cantalora as músicas, com paixão).

E o carnaval que os uniu, hoje é outro?

Para mim, carnaval é comunidade. É o momento em que a comunidade de algum lugar veste a sua camisa e vai às ruas defender as cores da escola e cantar a sua música. Só que hoje, entra muita gente que nem é da escola, por politicagem. As coisas vão perdendo a graça. Tem gente em alas que nem sabe sambar, menos ainda cantar o samba, nem a marchinha que é fácil de levar eles cantam, mas estão lá. Antes, não, era uma comunidade e uma escola, uma coisa girando em torno da outra. A escola sempre dava orgulho para a comunidade, que retribuía com a entrega ao estandarte durante meses de preparação. Gostava de ver todos unidos. As mulheres costurando as roupas, as festas nos fins de semana, os ensaios. Agora, o diretor de harmonia tem de se virar para que as alas entrem no compasso. É uma apresentação mais para o público do que para quem participa dela, da festa da escola, da comunidade que buscava com suas apresentações os aplausos do público. Hoje, o público também está na escola e nem todos são da comunidade, não têm o compasso da Mangueira.

Mas a participação do povo na escola não é uma boa notícia?

Não é povo que está começando a participar das escolas. Na verdade, o povo mesmo

está deixando as escolas para os que têm dinheiro e que podem pagar por fantasias cada vez mais caras. O povo ama a sua escola, mas nem sempre tem dinheiro para desfilar nela. Antes, não, era um quebra-galho aqui, outro ali, e todo mundo se virava e saía, porque a alegria era ver todos juntos. Agora, quem tem dinheiro compra uma fantasia e nem sabe onde fica a Mangueira. Não tenho nada contra que todos gostem da Mangueira, ao contrário, é uma paixão que a gente gosta de ver outros expressarem, mas o povo do morro, tem que ter seu lugar na Mangueira. É lá que ela nasceu. A Zica faz o maior esforço. As alas de baianas e compositores, a Velha Guarda, também. Eu, o Carlos Cachaca, a Neuma, sabemos que tem gente que gosta da Mangueira e não tem nada demais que só apareçam na época de carnaval, mas tem gente que nem conhece a Mangueira e desfila hoje na escola. Disso eu não gosto. Se o povo quiser participar da Mangueira, ótimo, tem só que ver os regulamentos, respeitar, para que a escola não perca pontos na comunidade e ainda conquiste mais e mais títulos.

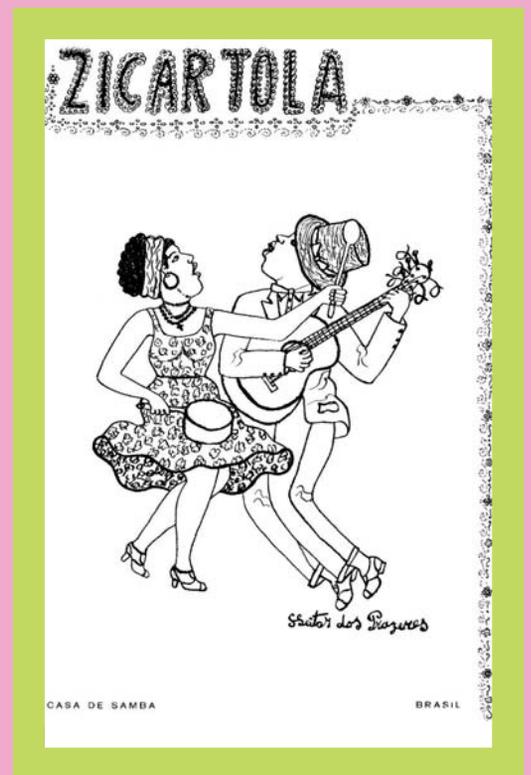
E o carnaval de rua?

O carnaval de rua foi perdendo espaço para os carnavais de salão, mas as bandas estão aí, mostrando que o povo gosta de carnaval, gosta de ocupar as suas ruas. O carnaval nunca vai morrer porque o povo é sábio e quer brincar, até para afogar as mágoas.

Uma delicada homenagem

Aquela tarde de verão de 1980, de um janeiro, há muito havia deixado cair suas folhas, quando, nas páginas do *Jornal do Brasil*, três dias antes da morte de Cartola, Carlos Drummond de Andrade, publicava uma reportagem em homenagem ao compositor. No leito de hospital, Cartola achou tão bonito que mandou pendurar na parede. Um poeta erudito rendendo homenagem ao poeta popular do samba, como se pode ler nesse trecho, que encantou Cartola:

"Mas então eu fiquei parado, ouvindo a filosofia céptica do Mestre Cartola, na voz de Sílvio Caldas. Já não me lembrava o compromisso que tinha de cumprir, que compromisso? Na floresta, o homem fizera um ninho de amor, e a mulher não soubera corresponder à sua dedicação. Inutilmente ele a amara e orientara, mulher sem brio não tem jeito não. Cartola devia estar muito ferido para dizer coisas tão amargas. Hoje não está. Forma um par feliz com Zica, e às vezes a televisão vai até a casa deles, mostra o casal tranqüilo, Cartola discorrendo com modéstia e sabedoria sobre coisas da vida. "O mundo é um moinho..." O moleiro não é ele, Angenor, nem eu, nem qualquer um de nós, igualmente moídos no eterno girar da roda, trigo ou milho que se deixa pulverizar. Alguns, como Cartola, são trigo de qualidade especial. Servem de alimento constante. A gente fica sentindo e pensando sempre o gosto dessa comida. O nobre, o simples, não direi o divino, mas o humano Cartola, que se apaixonou pelo samba e fez do samba o mensageiro de sua alma delicada. O som calou-se, e "fui à vida", como ele gosta de dizer, isto é, à obrigação daquele dia. Mas levava uma companhia, uma amizade de espírito, o jeito de Cartola botar em lirismo a sua vida, os seus amores, o seu sentimento do mundo, esse moinho, e da poesia, essa iluminação."



DRUMMOND
DE ANDRADE
MERGULHOU
NA POESIA
DE CARTOLA



A gente leva comida a sério. Para doar, ligue 11 3223-2977.



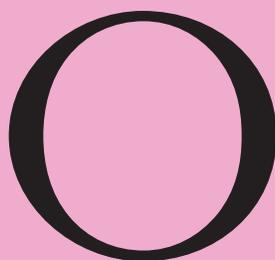


NOVA GUARDA

ABRAM ALAS
PARA A NOVÍSSIMA
GERAÇÃO DO
SAMBA
QUE TEM NO GRUPO
CASUARINA E EM MOYSES
MARQUES E DIOGO
NOGUEIRA SEUS LEGÍTIMOS
E COMPETENTES
PORTA-VOZES

TEXTO [GABRIEL VERSIANI]

FOTO [DIVULGAÇÃO]



O samba está na moda? Se moda é o que tem espaço na mídia e é comercializado em grande escala, sim: o samba

está na moda. Mas isso não significa dizer que este gênero musical nunca tenha sido consumido pelas grandes massas, sobretudo se considerarmos sua relação atávica com as comunidades afro-descendentes das periferias e morros do Rio.

Porém, o que caracteriza o status atual do samba é seu consumo crescente pelas classes média e alta, principalmente nas casas da Lapa. Em outros tempos, o samba, em forma de bossa nova, foi base para uma revolução musical no país, sendo parte marcante da revolução estética dos anos JK. Atualmente ele é uma forma de manifestação artística de talentosos músicos e fonte de trabalho para diferentes profissionais de cultura.

Mas o que fez do samba, enquanto estilo/gênero musical, uma moda? Esta pergunta certamente não tem só uma resposta. Mas se observarmos a linha do tempo, veremos que houve, na segunda metade da década de 90, um fator que potencializou o interesse pela música brasileira e pelo samba por parte da garotada da Zona Sul: o movimento do “Forró Universitário”.

Aquela época, a banda Forróçacana aglomerava dezenas de jovens da Zona Sul pra dançar forró. Uma rapaziada de quinze a vinte anos que até então conhecia as matinês das boates e que começava a ouvir falar do funk. Com a chegada do forró, a molecada rompeu as fronteiras da Zona Sul e foi se juntar ao “povão” na Feira de São Cristóvão, dançando xote, baião e ouvindo Luiz Gonzaga.

Formava-se então um público ávido por informação, que descobriu, pelas portas do forró, um universo instigante na música nacional. Várias bandas surgiram e todo dia era de forró. Mas em 2001 o boom do movimento já estava em sua curva descendente. Foi então que o vocalista Moyses Marques convidou colegas de outras bandas para formarem um grupo de samba.

Atualmente, Moyses trilha carreira solo e é destaque nas noites da Lapa, enquanto o grupo Casuarina (foto) pode ser considerado a maior revelação da novíssima safra do samba (todos têm menos de trinta). O grupo acaba de lançar seu segundo Cd (“Certidão”, Biscoito Fino), quase todo de músicas próprias.

É um disco maravilhoso que mostra o talento e o bom gosto dos integrantes Daniel Montes (violão de 7), Gabriel Azevedo (voz e pandeiro), João Cavalcanti (voz e percussão), João Fernando (bandolim) e Rafael Freire (cavaco). Na faixa título do disco, uma bela e pertinente proclamação: “O samba é universal, razão primordial do som”.

Cantor de voz marcante criado nos bailes de forró e crescido na noite da Lapa, Moyses Marques gravou um ótimo Cd homônimo pela Deck Disc, que traz músicas como “O vendedor de Caranguejo” (Gordurinha) e “Nomes de Favela” (P.C. Pinheiro) e ainda quatro composições de Moyses, interpretadas com personalidade pelo cantor. O craque Paulão Sete Cordas assina a produção.

Outro nome que merece destaque - este não veio do forró - é Diogo Nogueira (27 anos, filho de João Nogueira). Com timbre de voz grave, ao estilo do pai, canta bem e anda acompanhado por músicos de primeiríssima linha. Faz shows em grandes casas e já começou lançando Cd e DVD: “Diogo Nogueira ao vivo” (lançado pela multinacional EMI). Neles há duas composições próprias, músicas do pai João Nogueira e tem participações especiais de Marcelo D2, Xande de Pilares (Grupo Revelação) e do violonista Marcel Powell (filho de Baden).

Casuarina, Moyses Marques e Diogo Nogueira são os maiores nomes da novíssima geração do samba carioca. Nos últimos anos, vimos ainda surgir nomes como o da já consagrada Teresa Cristina, o da cantora Ana Costa e do grupo Galocantô, entre tantos conjuntos e artistas que animam os palcos da cidade. E de alguma forma eles podem agradecer ao movimento do forró, fundamental na formação de caminhos artísticos e mercadológicos que resultam no atual momento do samba.

Mangueira teu cenário é uma beleza



muito mais”, conta a jovem mangueirense. Ela fica emocionada por ter sido escolhida como oradora na turma de jovens. A presidente da Mangueira, Chininha, neta do primeiro presidente da escola, Saturnino Gonçalves e filha de Dona Neuma, chama a menina e mostra o pavilhão da escola. Plurale presencia e reverencia o momento ímpar. É como se a quadra de samba explodisse em diferentes tons de verde-e-rosa, mistura que, para “quem é doente da cabeça ou doente do pé”, pode não fazer sentido. Mas que é único para imensa maioria que sabe o valor e reconhece o samba como patrimônio intangível (imaterial), tombado pelo Patrimônio Histórico em meados de 2007. E a Mangueira como um dos nascedouros desta expressão cultural.

Emocionada, Chininha abraça Jéssica. E desabafa. “Nasci e cresci aqui. Mas não tive estas oportunidades que a garotada tem hoje na Mangueira. Meus pais, com muito custo, fizeram questão que eu terminasse o antigo colegial. E pagaram um curso de datilografia. Era uma vida dura. Minha mãe lavava roupa para fora. Agora, quem nasce aqui tem um mundo pela frente”, diz.

E tem mesmo. Na Mangueira tem cursos profissionalizantes para quase tudo: são 35 ao todo. De arte novau a balé, de bijuterias à tapeçaria. E, claro, mestre-sala, porta-bandeira e cavaquinho. Mas não é só. Para quem é da comunidade há diversas oportunidades a partir de um bem orquestrado programa social, esportivo e cultural com o patrocínio de peso da Petrobras. Mas que também conta com outros mecenados como a Bolsa de Mercadorias & Futuros, Univercidade, Universidade Castelo Branco, Illinois Oil, Colégio Santa Mônica, Losango, Danemann, Instituto Embratel, Embelleze, etc

Por “nação mangueirense” enten-

TEXTO [SÔNIA ARARIPE] FOTO [DIVULGAÇÃO]

Jéssica Santos da Silva, 15 anos, tem um rosto lindo, olhinhos esverdeados e foi premiada com um corpo de fazer inveja a muitas meninas da mesma idade. Sonha em ser modelo. Mas, como tem sangue verde-e-rosa nas veias, para manter a tradição e se cercar por todos os lados, também fez curso de passista. Curso? Sim. Hoje em dia, há aulas para quem nasceu na comunidade do Buraco Quente – reduto de nomes sagrados como Cartola, Dona Zica, Saturnino Gonçalves, Dona Neuma, Carlos Cachaça, Delegado, Jamelão, Nelson Sargento e tantos outros - e quer aprender samba na mais tradicional agremiação do Rio de Janeiro. Berço de movimento que ganhou fama internacional. É na quadra da Estação Primeira de Mangueira, num calor que parece tornar ainda mais solene aquele momento único para tantos jovens, que Jéssica se formou modelo. E passista.

“O que aprendi será de grande valia prá minha vida. Mas ainda vou estudar

**“Se alguém quiser fazer por mim,
que faça agora”**

Guilherme de Brito

**“Alvorada lá no morro,
que beleza”**

Cartola

de-se um complexo que engloba cerca de 40 mil moradores, avançando em três bairros, em uma região que equivale ao tamanho de muita cidade média. Numa grande área de 35 mil m² - que já foi da Rede Ferroviária - espalha-se o celeiro da transformação. Ao pé do outrora conhecido Morro dos Telégrafos, reduto de lendários sambistas, está a Vila Olímpica, que completa agora 20 anos: somente em atividades esportivas são atendidas 2,5 mil pessoas por dia. O complexo como um todo engloba projeto de saúde, educacional, educação para o trabalho, lazer educativo, projeto cultural e inclusão social. Ali perto, do outro lado da linha do trem, está a quadra da escola, o chamado Palácio do Samba, onde Jéssica e tantos jovens e adultos fazem cursos. Juntos, realizam o sonho que Chininha tantas vezes sonhou.

Os resultados podem ser visitados e se refletem em números: com mais crianças nas escolas, atividades esportivas, sociais e culturais o índice de criminalidade caiu. Ainda há problemas com tráfico, é verdade, como boa parte do Rio de Janeiro e outros grandes centros urbanos enfrentam. No entanto, as ocorrências são bem menores, com tantas atividades, os jovens se afastam do que pode vir a ser um risco para suas vidas. O índice de evasão da escola, de acordo com a última pesquisa, é inferior a 5% e de acordo com o Juizado da Infância e da Adolescência do Rio há baixíssimo número de infratores da comunidade da Mangueira.

A única exigência é estar freqüentando a escola. Há fila de espera para ter acesso aos cursos e à Vila Olímpica. Quem é da comunidade tem preferência, mas também são aceitos os moradores da região do entorno. Por intermédio deste trabalho, a Mangueira contribui para a transformação social de sua comunidade, pois, além de preencher o tempo livre de crianças, adolescentes e adultos, aponta novas oportunidades no mercado de trabalho.

E como diriam Enéas Brito e Aloísio Augusto da Costa, em samba tradicional de esquentar a quadra, “Mangueira teu cenário é uma beleza, que a natureza criou”. Mas que patrocinadores – e a imensa nação mangueirense – estão dando uma mãozinha para recriar sobre novas bases. Acompanhe, a seguir, os detalhes desta história de transformação.



COM A MÃO NA MASSA

Jovens da comunidade fazem cursos de construção civil com o patrocínio da BM&F

O prédio onde estão as salas de aulas práticas de construção civil, parte do programa Faz Tudo, patrocinado pela Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) na Mangueira, virou, literalmente, um canteiro de obras. O interessante é que em meio aos operários experientes há também alguns alunos. São seis jovens da comunidade, aprendizes aptos a exercitar o que aprenderam ao longo de seis meses de aulas com instrutores do Senai.

O segundo andar abrigará novas salas, desta vez para cursos profissionalizantes voltados para as meninas. Vão aprender corte de cabelo, manicure e várias atividades ligadas à beleza. “Percebemos que há forte demanda”, conta Jorge Galvão, gerente da BM&F no Rio.

A BM&F apóia estes cursos profissionalizantes de Construção Civil desde 2000, mas sua ligação com a Estação Primeira vem de longe. Atletas da Vila Olímpica – especificamente de atletismo – acabaram virando estrelas e foram treinados e apoiados pela Bolsa, uma das maiores no segmento de mercadorias e futuros do mundo. E isso tudo só poderia acabar em samba, claro. O lançamento de livro sobre a história da Mangueira, em 1998, escrito pelo jornalista Sérgio Cabral (pai do governador do Rio) e patrocinado pela bolsa, reuniu lado-a-lado personalidades do mundo do samba e do frenético mercado financeiro. O presidente da BM&F, Manoel Felix Cintra Neto, naquela época, tentou mostrar que mesmo



sem ter muita ginga no pé tem coração mole para compreender a diferença do baticumbum verde-e-rosa. E tem ajudado a garantir um futuro colorido para vários jovens da comunidade.

DIVERSOS GAROTOS

Na faixa de 16 a 20 anos - já passaram pelos cursos do Faz Tudo ao longo de sete anos. Um grupo montou cooperativa e está fazendo serviços na comunidade da Mangueira. Outros foram contratados por firmas que apóiam a BM&F na iniciativa, como a Tigre, Cimento Lafarge e a Fabrimar. “As aulas práticas, dadas por instrutores do Senai, realmente formam os jovens”, explica Patrícia Baracho, coordenadora deste programa na Mangueira.

Pegando no pesado, os jovens Anderson Souza Barbosa, 19 anos e Leonardo de Araújo, 21 anos, fizeram o curso de construção civil e estão trabalhando na obra de ampliação do segundo andar das salas de aula. Ambos têm orgulho de estarem encaminhados em uma profissão. “Quero ir muito além”, diz Anderson. O amigo Leonardo complementa. “Já vi muito amigo cair no tráfico. Mas esta não é a minha. Quero dar duro e ter uma profissão. Mente vazia é oficina do demo.”

SEGUROS
INCLUSÃO SOCIAL E MICROSSEGUROS
NA PRÓXIMA EDIÇÃO DE PLURALE EM REVISTA



A missão do Promundo é promover a equidade de gênero e prevenir a violência contra crianças, jovens e mulheres no Brasil e no mundo.



metara comunicação | foto naomi onaga

Conheça nosso trabalho em www.promundo.org.br



Baticumbum ERUDITO

Centenário de Cartola é lembrado com programação em centro cultural e orquestra de violinos de crianças da comunidade

“Este é o Cartola, tímido e divino, Dizendo adeus a amores já passados,

Saudando amores novos e florentes”

Carlos Drummond de Andrade

Há alguns anos, um maestro sentenciou para a curiosa jornalista interessada no ecletismo das diferentes expressões culturais: samba não combina, de forma alguma, com música clássica. O nome do maestro é poupado até porque em se tratando de samba, não há matemática ou teoria que se sustente. Para mostrar que o maestro estava enganado, jovens da Mangueira estão fazendo uma mistura que dá uma tremenda liga. O samba “Tempos idos”, parceria de Cartola e Carlos Cachaca de 1977, marcava este “namoro” da sociedade tradicional com o popular. “O nosso samba, humilde samba, foi de conquistas em conquistas. Conseguiu penetrar no Municipal. Depois de percorrer todo o universo. Com a mesma roupagem que saiu daqui. Exibiu-se pra Duquesa de Kent, no Itamaraty.”

A orquestra de violinos surgiu em agosto de 2005, a partir de iniciativa da neta postiça de Cartola, Nilcemar Nogueira - na verdade, neta de Dona Zica (nascida Euzébia Silva de Oliveira), que casou com Cartola já em segundas núpcias - e do maestro Leonardo Bruno. A intenção é formar novos talentos ensinando música para crianças da comunidade da Mangueira. “Muitos percebem que podem ter um futuro profissional através da música. E, mesmo sem seguir carreira, estão aprendendo cultura e cidadania”, diz Nilcemar.

A sede das aulas acontece no Centro Cultural Cartola (CCC), presidido por Pedro Paulo Nogueira. Junto tem sido possível valorizar a cidadania, a liberdade e o acesso a bens culturais. Nilcemar aprendeu a amar e respeitar um dos fundadores da Mangueira e ídolo de diversos sambistas e poetas. Gestora cultural, a vice-presidente do CCC lançou livro de receitas da avó e agora se esmera em mostrar ao mundo muito mais da História do avô postiço.

Em dezembro de 2005, durante o Lançamento do Prêmio Cultural-Viva, com a presença do ministro da Cultura Gilberto Gil, o projeto ganhou destaque. A Petrobras, que já tinha outras parcerias com a Mangueira, abraçou também a iniciativa. “Ficamos inebriados com o resultado”, conta Eliane Costa, gerente de Patrocínio Cultural da Petrobras. No lugar de jovens armados de AR-15 e fuzis, de cada viela do documentário saíam os pequenos violinistas com seus instrumentos. Até hoje, quando se recorda do que assistiu, Eliane se emociona. Dentro do caldeirão de ritmos, a estatal também patrocina outros projetos de música erudita, de samba e de também de hip hop. “Dentro do Patrocínio Cultural, trabalhamos com diversos projetos que possibilitam a inclusão social por meio da cultura. E a música é universal.”

Nascia ali o apoio da Petrobras e do Ministério da Cultura e o projeto passou a ser conhecido como a Orquestra de Violinos Cartola Petrobras. De lá para cá foram vários convites de apresentação, como no Teatro Municipal do Rio e no Pavilhão do Ibirapuera, em São Paulo. O projeto conta com a direção musical da maestrina Renata Jordão, também professora e responsável pelas aulas de violino, além da pianista

acompanhadora, Roberta Jordão e coordenação geral do Maestro Leonardo Bruno. Possui um total de cinquenta alunos, sendo quinze atuantes nos Concertos; e uma lista de espera, aguardando a doação de novos violinos para atender esta demanda.

E é realmente empolgante ouvir o som da bateria misturado com os acordes que saem dos violinos, cuidadosamente empunhados pelos 50 pequenos representantes da comunidade. Jovens como Mirele Monique Casemiro, 13 anos; Eduardo Alexandre, 15 anos e Lucas Michel Gardêncio, de 12 anos. Todos estão há cerca de dois anos aprendendo a lidar com o instrumento de sons tão diferente dos que estão acostumados a ver nas quadras da escola.

“Não largo mais o violino por nada”, diz Lucas, o menos tímido do trio. O grupo já tocou para públicos variados e treina com afinco para continuar fazendo bonito. São acompanhados de perto não só por maestro e músicos profissionais, mas também pela psicóloga Paula Lacerda. “Temos que trabalhar o lado psicológico e social destes meninos e meninas. Acompanhamos o desenvolvimento deles.”

Nielmar mostra as antigas fantasias de sua vó e de Cartola, na verdade, nascido Agenor de Oliveira, nascido no Catete, em 1908. O imenso galpão, que um dia abrigou uma indústria, neste momento, parece até pequeno para tanta honra. Outras escolas tradicionais - como Portela, Vila Isabel e Império Serrano - estão homenageadas na exposição que tem sido muito visitada por turistas estrangeiros e brasileiros. Além do show dos jovens violonistas, a programação do centenário do compositor verde-e-rosa - que completaria 100 anos em 14 de outubro de 2008 - inclui ainda livro com a história de sua trajetória e muitos shows. O tímido Cartola, que foi homenageado em verso e prosa, pelo também poeta, Carlos Drummond de Andrade (logo após o enredo da verde-e-rosa dedicado ao mineiro de Itabira), certamente, aprovaria. **(Sônia Araripe)**

Celeiro de TRANSFORMAÇÃO

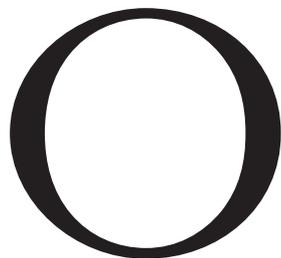
**Programa esportivo e social completa 20 anos
e desperta a atenção do mundo**



“Acontece que meu coração ficou frio

E o nosso ninho de amor está vazio”

Cartola



então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, esteve na Vila Olímpica da Mangueira em 1997 e teria se mostrado feliz como “pinto no lixo”, nas palavras do lendário intérprete de sambas da Mangueira, Jamelão (por favor, não o chamem de puxador de samba). Clinton não foi o único. Esta expressão poderia mesmo resumir a reação não só de um espectador tão distante da realidade ali presente quanto também outros mais próximos. Impossível não se emocionar ao conhecer e conviver com o projeto.

Em 20 anos, passou pelas quadras esportivas, salas de aulas, consultórios, etc, um verdadeiro exército de jovens e adultos. Cerca de 180 mil pessoas. Os números impressionam: a cada dia, apenas em práticas esportivas, têm aulas ali cerca de 2,5 mil jovens. Ao todo, pelas diferentes atividades, passam 7 mil pessoas das 7h às 22h. Quando Plurale lá esteve, no início de dezembro, as quadras fervilhavam de jovens jogando e tantos outros faziam aulas de atletismo e outros esportes. Muito limpo e organizado, o centro reúne não só a criançada miúda, como também adolescentes e a família verde-rosa. Uniformizados, com material esportivo de primeira, a imagem que fica é a melhor possível.

“Percebemos que era preciso integrar todos no projeto. Os pais participam, os avós freqüentam cursos, há atividades para todas as idades”, explica Bárbara Machado, coordenadora da Vila Olímpica da Mangueira. Mas o foco principal é mesmo a garotada. Em diferentes atividades, de manhã até de noite. Como os pequenos Daiane Cristina da Silva, 9 anos, Luana dos Santos, 10 anos e Nabi Oliveira, 12 anos, todos alunos do balé, no projeto Dançando para não Dançar. “Somos da Mangueira e mostramos que sabemos dançar”, resume a alegre Luana, aproveitando para fazer o convite para o espetáculo Gabriela (de Jorge Amado), em apresentação gratuita no Aterro.

A idéia de criar o programa na Mangueira nasceu em 1987, na cabeça de um jovem que não nasceu na comunidade: Francisco Carvalho, nascido em Vila Isabel, mais conhecido, a partir do feito, por Chiquinho da Mangueira. Professor de Educação Física, bom de marketing, começou debaixo do viaduto da Mangueira a dar aulas para alguns jovens. Inspirou-se em Alice de Jesus Coelho, a Tia Alice, da Mangueira: filha de mãe alcoólatra, foi descoberta por um diretor do Botafogo, correndo nas ruas, pulando muros e catando frutas, até se transformar em uma bela atleta com 1,80 metros, tendo sido campeã sul-americana de 200 metros e 800 metros com barreiras, em 1956.

Chiquinho foi conquistando apoiadores de peso, que ajudaram a empurrar o projeto ladeira acima. Primeiro foi a Xerox que lá esteve por 13 anos. Depois vieram tantos outros. A Prefeitura do Rio é parceira também desde o início. A Petrobras, diante da saída da Xerox em 2000, entrou primeiro através da subsidiária BR, e depois direto via holding. Para tocar o programa adiante, Chiquinho contou com o imprescindível apoio de gente da raiz, como o então presidente da Escola, Carlos Alberto Dória, Tia Alice, Dona Neuma, Dona Zica, Alcione e tantos outros.

O celeiro de transformação tem a atenção dos holofotes. O imenso terreno doado pela Rede Ferroviária reúne hoje 35 mil m² e parece uma cidade: lá também funcionam escolas – alfabetização, ensino fundamental e até uma

faculdade patrocinada pela Univercidade, formando pedagogos de graça – e há cursos profissionalizantes, como o patrocinado pela BM&F. A Mangueira também ganhou fama por outro programa, o Camp Mangueira, voltado para o primeiro emprego.

A única obrigação para a criança freqüentar a Vila Olímpica é estar matriculada na escola. Quem é da comunidade tem preferência, mas jovens carentes de outros bairros também são aceitos. A sala repleta de troféus é mostrada por Bárbara com orgulho. São jovens campeões que se formaram na Vila Olímpica da Mangueira.

“Os resultados são visíveis. E agora vamos aferir exatamente”, explica Janice Dias, gerente de projetos sociais da Petrobras. O projeto da Mangueira passou para o novo guarda-chuva do Programa Desenvolvimento e Cidadania da Petrobras. A partir de agora será possível cruzar dados e informações para apresentar, em dados, o que já dá para imaginar a olhos vistos. “Queremos associar o projeto com a elevação da escola, com o acompanhamento das crianças”, diz Janice.

A visão do Programa da Petrobras, lançado em Brasília, com a presença do presidente Lula, é apoiar o desenvolvimento com igualdade de oportunidades e valorização das potencialidades locais. O objetivo do programa da empresa é contribuir para o desenvolvimento daquela comunidade, gerando a inserção social, digna e produtiva, de pessoas e grupos que vivem em risco ou em desvantagem social. Assim, esperam, será possível reduzir a pobreza e a desigualdade. “Queremos que cada criança seja dona de sua história. Senão, ela aprende malabarismo, por exemplo, e vai para o sinal pedir esmola”, resume Janice.

A Petrobras também está presente em outras comunidades do Rio, muitas ligadas ao samba, como Salgueiro, Beija-Flor e Rocinha. Mas dificilmente algum tem a história, a cor e a vibração do programa da Mangueira. **(Sônia Araripe)**

DA RAIZ

Samba e Mangueira têm bela História



Osamba, ao contrário do que alguns imaginam, tem muita história. E das boas. A palavra, segundo o folclorista Édison Carneiro, vem de semba, que, em um dialeto angolano, significa umbigada. Servia, naquela época para identificar uma reunião musical animada por qualquer tipo de música dos negros. “Vamos a um samba”, diziam, como conta o jornalista Sérgio Cabral, no livro “Mangueira, a nação verde-e-rosa.”

Mas como surgiu a GRES Estação Primeira da Mangueira? Cabral relata que próximo da região que serviu de berço para a corte no Rio de Janeiro, há exatos 200 anos, na Quinta da Boa Vista (São Cristóvão), havia uns casebres que eram utilizados por soldados do Exército. Tiveram que ser demolidos em 1908, por decisão da prefeitura carioca que estava reformando a Quinta. Os militares foram se instalar ali perto, no morro que chegou a ter um só dono, o Visconde de Niterói. Recebeu-o de presente de ninguém menos do que o Imperador Dom Pedro II.

O visconde já tinha morrido quando as primeiras famílias chegaram ao morro que hoje tem o nome de Mangueira. Alguns barracões foram construídos pelo português Tomás Martins para serem alugados e renderem algum dinheiro. Ele era padrinho do futuro compositor Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça, como rememora o jornalista e sambista. Cachaça foi um dos fundadores da Estação primeira ao lado de Cartola e tantos outros.

Naquela época, o morro era conhecido como Morro dos Telégrafos. Isto porque em 1852 foi inaugurado o primeiro telégrafo aéreo do Brasil, na elevação vizinha da Quinta. Logo depois, surgia a fábrica de Fernando Fraga, de chapéus, que ficou conhecida como a “fábrica das mangueiras”, por causa das árvores naquela região. Mas o morro também foi conhecido como Buraco Quente, Suvaco da Cobra, Pindura Saia e tantos outros. O livro relata algumas tentativas, mal sucedidas de despejar os moradores dali: como em 1935 e 1964. A Mangueira é tão grande - enfatiza o samba - que conseguiu resistir.

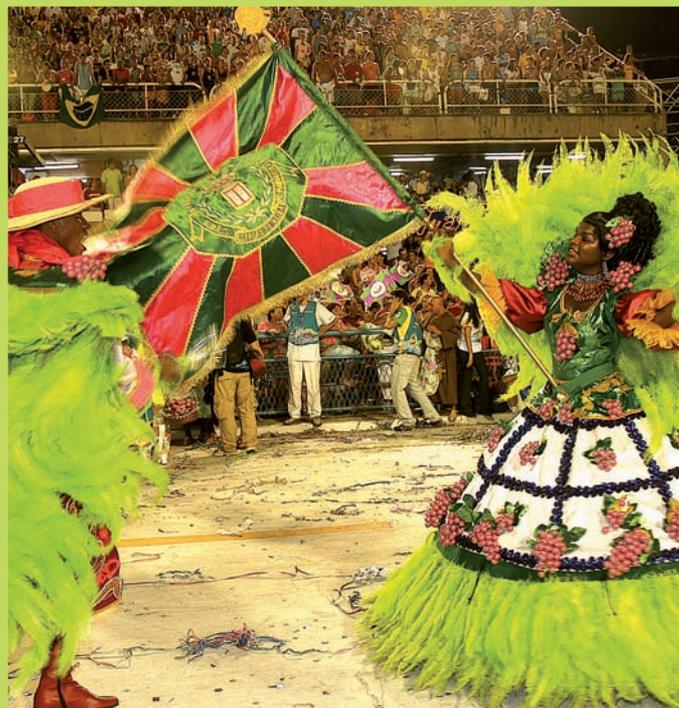
Cartola com seu amigo Carlos Cachaça, que seria seu mais constante parceiro, foi um dos fundadores do Bloco dos Arengueiros em 1925, na Mangueira. Da ampliação e fusão desse bloco com outros existentes no morro, surgiu, em 1928, a segunda escola de samba carioca. Fundada a 28 de abril de 1928, o G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira teve seu nome e as cores verde e rosa escolhidos por ele.

Foram vários sambas, até que em 1941, Cartola formou com Paulo da Portela e Heitor dos Prazeres o Conjunto Carioca, que durante um mês realizou apresentações em São Paulo, em um programa da Rádio Cosmos. A partir dessa época, o sambista desapareceu do ambiente musical. Muitos pensavam até que tivesse morrido. Chegou-se a compor sambas em sua homenagem. Em 1948, a Mangueira sagrou-se campeã com seu samba-enredo Vale do São Francisco (com Carlos Cachaça).

Cartola só foi redescoberto em 1956, quando o cronista Sérgio Porto o encontrou lavando carros em uma garagem de Ipanema e trabalhando à noite como vigia de edifícios. Sérgio levou-o para cantar na Rádio Mayrink Veiga e, logo depois, Jota Efegê arranhou-lhe um emprego no jornal “Diário Carioca”.

Poucos sabem, mas Cartola foi contínuo do Ministério da Indústria e Comércio. Viveu na Mangueira até que em 1978, quase aos 70 anos, mudou-se para o bairro de Jacarepaguá. Ironia do destino: apenas um ano depois, descobriu que estava com câncer, doença que causaria sua morte, em 30 de novembro de 1980.

ALÔ Mangueira



A VOZ DE JAMELÃO, AS RODAS DE SAIAS DAS BAIANAS, A GRAÇA DA PORTA BANDEIRA. A MANGUEIRA É MÁGICA. A MAGIA DO SAMBA NO PÉ, QUE LEVANTA A POEIRA DO MORRO E CONTAGIA O ASFALTO. COISA DE REIS E DE RAINHAS.



inclusão social

PERFUME DE



mulher

SÃO DOIS PRÁ LÁ, DOIS PRÁ CÁ NA INCLUSÃO DE DEFICIENTES
VISUAIS NA DANÇA DE SALÃO EM BRASÍLIA

TEXTO [CLARA MOUSINHO - BRASÍLIA]

FOTOS [MARCELLO CASAL JR./ABR]



O professor de educação física João Carlos Corrêa fundou há um ano e meio o projeto Perfume de Mulher, que ensina gratuitamente dança de salão para deficientes visuais. A iniciativa já beneficiou mais de 80 alunos e atualmente possui mais uma turma de 60. As aulas, desenvolvidas na capital federal, ajudam os cegos no desenvolvimento motor e psicológico.

O nome do projeto é uma referência ao filme Perfume de Mulher, dirigido por Martin Brest e protagonizado pelo ator Al Pacino, que vive um militar cego e busca antigos sonhos junto a um jovem amigo, em Nova York. Entre as realizações, a dança. Segundo Corrêa, a idéia do projeto surgiu quando outro professor iniciou um projeto para ensinar judô para deficientes visuais. A partir da experiência, ele ficou super interessado em ensinar cegos a dançarem.

“A primeira aula que eu dei foi uma aula que marcou minha vida. Eu tinha pedido para um amigo chamar dois cegos para eu fazer uma experiência, porque eu não sabia como começar uma aula e queria fazer um registro disso. Ele ouviu 12 e mandou 22. Foi aquela aula de pânico total”, explica.

Corrêa afirma que recebeu apoio dos alunos. “Eles me pediram calma e disseram que teriam paciência comigo. Na verdade, eu é que estava sendo incluído ali. E graças à paciência deles a gente está em um ambiente de aula super tranquilo”. O Perfume de Mulher atende cegos de nascença ou não. De acordo com o professor, as aulas ajudam na mobilidade dos alunos que, às vezes, não estavam acostumados com os movimentos.

Maria Elizabete Feitosa, conhecida como Bete Estrela pelos colegas de dança, tem visão parcial. Ela afirma que o projeto mudou o ritmo de sua vida. “Eu tenho problema de coluna e a dança ajuda para eu não ficar com o corpo parado”. Por isso, a aluna de dança reclama da falta de apoio de outros segmentos da sociedade que ligam com os cegos. “Eu acho que a gente deveria ter mais apoio para crescer. As empresas deveriam apoiar iniciativas como essas, porque às vezes o deficiente visual fica esquecido”.

As aulas fazem tanto sucesso entre os alunos, que Corrêa teve que interromper as férias. “Queríamos parar as aulas para as férias, mas muito deles têm caso de depressão recorrente. Aí a família liga pra gente e pede para voltarmos com as aulas”. Wallace Paschoal perdeu a visão depois de sofrer um câncer na hipófise. Segundo ele, o projeto ajudou a superar a perda. “O Perfume de Mulher veio para me ajudar. Eu fiquei mais confiante na minha vida. O João abriu os braços pra gente e nós encaramos com garra e já fizemos várias

apresentações”, comemora.

Segundo Bete Estrela, o projeto veio a calhar para pessoas deficientes visuais que às vezes ficam deprimidas em casa. “Com a música e a dança a gente espairoce, se solta, conversa, brinca e se sociabiliza então é divertido. Antes de eu começar as aulas estava com muita depressão”. Corrêa disse que o projeto Perfume de Mulher conta com quatro salas de aula. Segundo o professor, existem vagas sobrando. “Eu já tenho três salas reservadas para o projeto, então se entrarem mais 20 alunos eu tenho mais 20 vagas e se entrarem mais 60 a gente abre um outro espaço”.

Corrêa conta com a ajuda de entidades ligadas aos direitos dos deficientes. As aulas são divulgadas principalmente por meio do Fórum de Apoio a Pessoa com Deficiência (Faped). Para saber mais sobre o projeto Perfume de mulher, o telefone é (61) 3345-2021.

4

MILHÕES DE BRASILEIROS
TÊM ALGUM TIPO DE
DEFICIÊNCIA VISUAL
E 1,2 MILHÃO SÃO
CEGOS SEGUNDO O
CONSELHO BRASILEIRO
DE OFTALMOLOGIA



SOCIEDADE GANHA LEI PARA SEU BIOMA MAIS AMEAÇADO



Conciliar desenvolvimento e proteção ambiental é o mérito maior do texto da Lei da Mata Atlântica, originalmente apresentada pelo então deputado federal Fabio Feldmann e sancionada pelo presidente Lula em dezembro de 2006 após 14 anos de tramitação no Congresso Nacional. Ainda assim, o ponto alto desse novo instrumento legal – que não só protege, mas diz como usar a Mata de forma sustentável – está na história de mobilização e comprometimento da sociedade com a construção de seu conteúdo. Se de um lado a Lei está repleta de instrumentos que valorizam o controle social, são de fácil entendimento e não deixam dúvidas sobre a real extensão da Mata Atlântica que se quer proteger, de outro lado está pronta para induzir e fazer avançar políticas públicas efetivas de uso e proteção, que não frustrem a sociedade e permitam a essa nova ferramenta ‘sair da gaveta’. Aliás, é este o desafio agora: fazer com que a Lei da Mata Atlântica salte do papel para a prática diária.

Foram inúmeros os episódios de mobilização que envolveram vários segmentos na luta pela construção de um marco legal para o bioma. Essa participação esteve presente em momentos históricos, com a Rede de ONGs da Mata Atlântica, como o de entrega de mais de 300 mil desenhos de crianças de todo o país às lideranças do Legislativo, na manifestação que tomou a frente do Congresso Nacional em 2003 com a bandeira de 500 metros quadrados da Fundação SOS Mata Atlântica, na campanha virtual pelo desmatamen-

to zero que repercutiu em milhares de manifestações aos deputados federais, e finalmente no esforço permanente da SOS Mata Atlântica em fazer chegar aos parlamentares a necessidade de consolidação de uma lei própria.

A aprovação da nova legislação, em substituição ao Decreto 750, de 1993, fez-se cada vez mais necessária como forma de viabilizar a recuperação e utilização da Mata Atlântica em parceria com a sociedade. O Decreto surgiu como restrição rígida a qualquer forma de uso, com proibições que acabaram por desestimular a preservação.

E agora?

Tantos anos de convocação popular para a aprovação da Lei da Mata Atlântica impõem a reflexão sobre o documento que se tem em mãos e sobre como fazê-lo sair do papel. A implementação da lei compreende esforços da sociedade civil e organizações para a articulação de parcerias em todos os níveis, com setores governamentais, empresariais e outros. Para que a lei exista, é preciso batalhar a regulamentação dos incentivos, do fundo de restauração, lutar para que o proprietário rural seja considerado produtor de água, por exemplo, entre outros temas como o IR Ecológico e a compensação da reserva legal. Por isso, há uma vigilância constante da SOS Mata Atlântica, buscando fazer o meio de campo com os líderes políticos.

■ **Mário Mantovani é diretor da Fundação S.O.S. Mata Atlântica**



EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO: DESMEDIDAS DO PRESENTE, MEDIDAS DO POR VIR

Quanto mais o meio ambiente é degradado, mais indivíduos, movimentos sociais, governos e empresas buscam equacionar os desafios impostos pela urgente crise. Várias são as frentes de luta, mas uma delas aparece nos corações e mentes como origem e solução para todos problemas: a educação, sobretudo a ambiental. Quem nunca ouviu alguém afirmando que os problemas brasileiros se devem à falta de educação de seu povo?

Há algumas décadas os sistemas educacionais da maioria dos países incluíram em seus projetos didático-pedagógicos abordagens voltadas ao meio ambiente. O Brasil não fugiu à regra e várias iniciativas pioneiras de educação ambiental já se encontram na sua maturidade. Os temas ambientais parecem ter se inserido definitivamente nos currículos escolares. Esses avanços na luta ambiental se constituem em um bom motivo para comemoração.

No entanto, entre o desejável e o desejado, entre o idealizado e o concretizado, encontram-se abismos, que não são meros acidentes de percurso, má gestão do ensino ou carência de boas intenções. Os desafios são muitos e começam pelo próprio paradoxo de se conceber a educação tanto como problema, como solução para todos os males da vida (in)civilizada na sociedade brasileira.

Nos dias de hoje, dificilmente um professor, mesmo naquelas profissões historicamente associadas a um ethos industrialista, tecnicista e antropocentrado, tem coragem de

enunciar publicamente discursos contrários à proteção ambiental. A divisão entre professores “cinzas” e “verdes”, muito comum em cursos de engenharia e economia, parece ter ficado no passado. Não obstante, a mudança dos sistemas de ensino é lenta, complexa e cheia de armadilhas.

Várias conferências internacionais sobre educação ambiental consolidaram parâmetros importantes para a construção de um conhecimento que seja capaz de dotar as gerações atuais, em processo de formação, de uma visão avançada e efetivamente consciente acerca dos problemas ambientais. Essa educação ambiental necessariamente deve ser transdisciplinar, politizadora, distante de concepções antropocêntricas, calcada na interação democrática entre educador e educando e reconhecer a diversidade de saberes, sobretudo o conhecimento não formal. Na trilha aberta por Paulo Freire, caminham as utopias de um ensino, sociedade e relação entre homem e natureza renovados.

Mas as escolas e seus atores constroem enredos complexos rumo a uma educação emancipadora. Os problemas não residem apenas na postura dos indivíduos, como algumas vertentes do ambientalismo difundem em seu discurso programático. Querer remeter o problema da precária consciência ambiental da maioria dos estudantes brasileiros às falhas no ensino decorrentes do conservadorismo professoral e da alienação da juventude é relegar a um espaço cômodo o problema da modernização das práticas de ensino-aprendizagem: o lócus do indivíduo. Não se trata de afirmar que desejos, vontades e esforço das pessoas não são fatores relevantes no avanço da educação ambiental. Pelo contrário, são elementos essenciais. Mas, como diriam os economistas, são variáveis necessárias, porém não suficientes.

Os problemas de ensino-aprendizagem são sistêmicos e envolvem mecanismos de regulação governamental, instituições de ensino, modelos de gestão pedagógica, relações de trabalho dos professores, dilemas da juventude e a própria sociedade. Instituições, estruturas sociais, regimes econômicos, sistemas políticos, estratégias pedagógicas e indivíduos compõem uma rede de oportunidades, bem como de armadilhas e desafios para a educação ambiental emancipadora.



As conferências internacionais sobre o tema reconhecem o caráter fundamentalmente político e ideológico do ensino ambiental, pois se trata de construir um novo padrão civilizacional.

Com a institucionalização da educação ambiental, disciplinas foram criadas, conteúdos inseridos em grades curriculares e discursos docentes e das escolas foram modernizados. A resposta usual frente à pressão por uma educação ambiental mais consistente resultou na injeção de disciplinas isoladas tratando de temas como responsabilidade socioambiental e ética profissional, geralmente ao final dos cursos, fenômeno recorrente no ensino superior brasileiro. Depois de alguns anos sem ouvir falar em meio ambiente, uma disciplina no último período vem dizer aos alunos que existem outras questões a se considerar no exercício de sua profissão. Na maioria dos casos, polarizam-se as dicotomias entre ganhar dinheiro e ser ético, fazer a economia crescer e proteger o meio ambiente, obter o sucesso a qualquer preço e respeitar as pessoas e a natureza. Os casos em que isso não acontece se devem muito mais a competentes docentes de responsabilidade socioambiental, conseguindo desconstruir saberes anteriormente difundidos por seus colegas, do que a propostas pedagógicas efetivamente consistentes em termos de educação ambiental.

Os problemas se repetem na busca pela transdisciplinaridade. Considerada caminho essencial em direção a novos e urgentes saberes ambientais, a fusão de fronteiras entre disciplinas geralmente não ultrapassa a inter ou multidisciplinaridade. A ambígua regulação governamental afirma colocar a transdisciplinaridade como ponto central dos modernos sistemas de ensino-aprendizagem, mas exige e avalia as instituições com base em currículos conteudistas e constituídos por um emaranhado de disciplinas clássicas de cada área, sob o pretexto de garantir a formação básica necessária às profissões. Além disso, professores que construíram carreiras restritas às suas determinadas especialidades, lutam pela permanência de suas disciplinas nos currículos como forma de manter poder, status e/ou remuneração.

O conhecimento ambiental emancipador esbarra na parede impenetrável da racionalidade instrumental, derivada do tecnicismo exagerado e da utopia de controle da natureza pelo homem. Quando a natureza consegue fazer buracos nessa

muralha, muitas vezes se torna um mero meio (e não um fim em si mesmo) para outros objetivos não tão nobres assim. Deriva daí a recorrente e simplista impressão, porém muito comum entre jovens alunos de graduação, de que as empresas ou investem em meio ambiente para lucrar mais ou como obrigação diante da pressão social e jurídico-legal. A complexidade das lutas ambientais dá lugar à dicotomia e ao pensamento simplista, criando obstáculos para novos saberes capazes de pensar soluções ambientais inovadoras.

Nunca se falou tanto em ecologia e se estudou meio ambiente, bem como se degradou tanto o planeta. Mas não cabe o desânimo nessa caminhada. Como diz Elomar, há muita “prova” a se enfrentar. Não podem se perder as utopias de professores como José Carlos Barbieri, Isak Kruglianskas e José Eli da Veiga que, em uma época na qual as logomarcas das federações industriais exibiam chaminés enfumaçadas como símbolo de modernização do país, se fizeram pioneiros na inserção de temas ambientais nas escolas. Cabe aos educadores que chegam se inspirarem naquilo que antes era uma visto preconceituosamente como uma “desmedida” dos pioneiros, para criar novas métricas para a educação ambiental emancipadora por vir.

■ **Armando dos Santos de Sousa Teodósio é professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais**

MARINA SILVA, REFERÊNCIA GLOBAL



TEXTO [IVNA MALULY - BRUXELAS]

FOTO [AGÊNCIA BRASIL]

A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, foi citada em uma lista preparada pelo jornal britânico *The Guardian* como uma das personalidades mais influentes da área ambiental. A relação das "50 pessoas que podem ajudar a salvar o planeta" foi divulgada no último sábado (5), e é resultado de uma ampla consulta realizada com diversos especialistas, como o cientista e consultor sobre mudanças climáticas do governo britânico, Bob Watson, e a ecologista indiana Vandana Shiva.

Segundo o jornal, durante a gestão da ministra, o desmatamento na Amazônia caiu 75% e somente no ano passado 1.500 empresas que atuavam de forma irregular foram desconstituídas. O *The Guardian* também cita os mais de 1 milhão de metros cúbicos de madeira ilegal apreendidos em 2007. "Todo mundo concorda que é neces-

sária uma ação urgente para evitar uma mudança climática catastrófica, mas quem realmente tem a influência e as idéias para fazer isso acontecer", diz o *Guardian* em sua apresentação.

Marina Silva é a única latino-americana da lista, que traz ainda nomes como os do ex-vice-presidente americano Al Gore, da primeira-ministra alemã, Angela Merkel, do geneticista americano Craig Venter, do prefeito de Londres, Ken Livingstone, e até mesmo do ator norte-americano Leonardo DiCaprio.

No texto dedicado à ministra, o jornal destaca sua história como filha de um seringueiro brasileiro, que passou a infância coletando látex da floresta amazônica e protestando contra a destruição provocada pelos madeireiros ilegais. "Em uma das grandes histórias políticas, ela passou de analfabeta aos 16 anos à mais jovem senadora do Brasil e agora é a mulher mais capaz de prevenir a total ruína da Amazônia", diz o texto.

O jornal inclui, ainda, uma citação em que a ministra declara que o futuro é arriscado. "A única maneira de evitar uma perda no longo prazo é com ajuda internacional. Não queremos caridade, é uma questão da ética da solidariedade", diz Marina Silva.

MISÉRIA, MISÉRIA EM QUALQUER CANTO

TEXTO [SÔNIA ARARIPE - BRASÍLIA]

FOTO [STEFFERSON FARIA/AGÊNCIA PETROBRAS]



Apesar da melhora nas condições de vida da população do Nordeste nos últimos anos, segundo informações coletadas na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quando se comparam os números obtidos com os do Sudeste, verifica-se que “o desnível, a desigualdade, ainda é muito grande”. A avaliação é da coordenadora dos Indicadores Sociais do IBGE, Ana Lúcia Sabóia.

De acordo com a PNAD, o Nordeste foi a região com maior crescimento na

renda familiar média entre os anos de 2005 e 2006, atingindo 12%. Sabóia informou que houve melhoria nas condições de vida dos nordestinos em termos de saneamento dos domicílios e escolaridade da população.

Segundo a coordenadora, a frequência das crianças nas escolas cresceu no Nordeste a partir de 1985, devido a ações implementadas pela antiga Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que introduziu a política de estímulo à merenda nos municípios na fase pré-escolar.

“Existem escolas para receber as crianças, mas a qualidade desse atendimento ainda é precária”, destacou. Daí haver grande defasagem no ensino na faixa etária de sete anos. “A grande parte das crianças nordestinas com sete anos ainda não sabe ler. Não foram alfabetizadas no pré-escolar. Então, é um crescimento que está ocorrendo no nível econômico, mas não chegou de forma satisfatória, aos moradores do Nordeste”, afirmou.

A pesquisadora do IBGE informou que nos últimos anos os programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, têm sido muito benéficos no Nordeste. “E nós já podemos detectar isso pelas pesquisas do IBGE.

Sabóia diz que a aposentadoria rural é um fator que favorece as condições de vida da população nordestina no campo.

A AMAZÔNIA DE PAULA SALDANHA



Já está à venda o box Expedições Amazônia vol. 2, com três DVDs , produzido por Paula Saldanha e Roberto Werneck. Este é o segundo volume da coletânea de DVDs "Expedições Amazônia", novos registros captados nessa região que ocupa mais da metade do território nacional. Em territórios demarcados, comunidades indígenas conseguem manter vivas suas tradições. Cientistas propõem soluções para um desenvolvimento da Amazônia, feito de forma sustentável. Mostram que 80% das queimadas na região são provocadas por pecuária e soja, destinadas à exportação. A proposta é mudar a equação econômica, valorizando a floresta e gerando renda para as populações amazônicas. São seis documentários, reunidos em três DVDs, numa caixa com folheto informativo.

- **DVD4: Reserva Mamirauá e Arco do Desflorestamento**
- **DVD5: Índios Yanomamis e Índios Kamayurás**
- **DVD6: Pesquisas na Amazônia, Piatam e Energia para a Amazônia, Urucu**

A VISÃO GLOBAL DO INPE

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) promete começar a operar este ano, em Belém, o centro de monitoramento global de florestas tropicais. Com 20 anos de experiência no monitoramento da Amazônia por satélite, o Inpe agora quer oferecer o serviço a outros países. O Brasil e a China são parceiros no Programa Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres (CBERS), de monitoramento de florestas tropicais por satélite, e a intenção é tornar-se referência no assunto, oferecendo o serviço de forma gratuita. O desmatamento e a queimada de florestas tropicais respondem por até 20% das emissões globais de gases-estufa. Assim, os dois países se antecipam ao próximo acordo sobre aquecimento global, que substituirá o Protocolo de Kyoto em 2013.

NOVAS REGRAS PARA

orgânicos

TEXTO [RENATA POMPEU - AGÊNCIA BRASIL]

FOTO [ELZA FIUZA - AGÊNCIA BRASIL]

Brazlândia (DF) - Desde a última semana de 2007 está em vigor decreto que cria novas regras para a produção e comercialização de produtos orgânicos no Brasil. Entre as principais mudanças está a criação do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica, que visa a assegurar a confiabilidade da certificação dos produtos orgânicos.

Caberá ao Ministério da Agricultura, juntamente com os secretarias estaduais, fiscalizar entidades responsáveis pela certificação dos produtos.

Cada entidade só vai poder emitir selos de garantia de procedência depois de autorizada pelo sistema e pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro).

A nova norma ainda permite a produção paralela na mesma propriedade de produtos orgânicos e não-orgânicos. A exigência é que haja uma separação do processo produtivo. Também não poderá haver contato com materiais e substâncias de uso não-autorizado para a produção de orgânicos, como agrotóxicos.

O decreto tem a finalidade de substituir a Instrução Normativa nº 7 de 1999, do Ministério da Agricultura. Segundo o coordenador de Agroecologia do ministério, Rogério Dias, a norma anterior abordava de forma superficial alguns aspectos da produção animal e vegetal.



Em entrevista à Rádio Nacional, Dias afirmou que as novas regras vão garantir a qualidade dos produtos vendidos com o selo de orgânicos. “O consumidor vai poder ter a certeza do que ele está comprando, agora nós vamos ter realmente um quadro em que todos os pontos da produção vão ser tratados”, ressaltou.

lo site do ministério, por carta e em audiências públicas.

Bazar

ético
36 >



<<Camiseta básica
R\$ 30,00



DASPU

As prostitutas do Rio de Janeiro, organizadas na ONG Davida, se uniram e criaram uma grife que faz sucesso entre descolados, a Daspu. São roupas de batalha, e de coleções como puta arte, criada por estilistas e desfilada por famosos. A coleção completa pode ser vista e comprada no site www.daspu.com.br



^ Camiseta
R\$ 35,00



<<Camiseta Brasil
R\$ 30,00



<<Camiseta Legal
R\$ 35,00

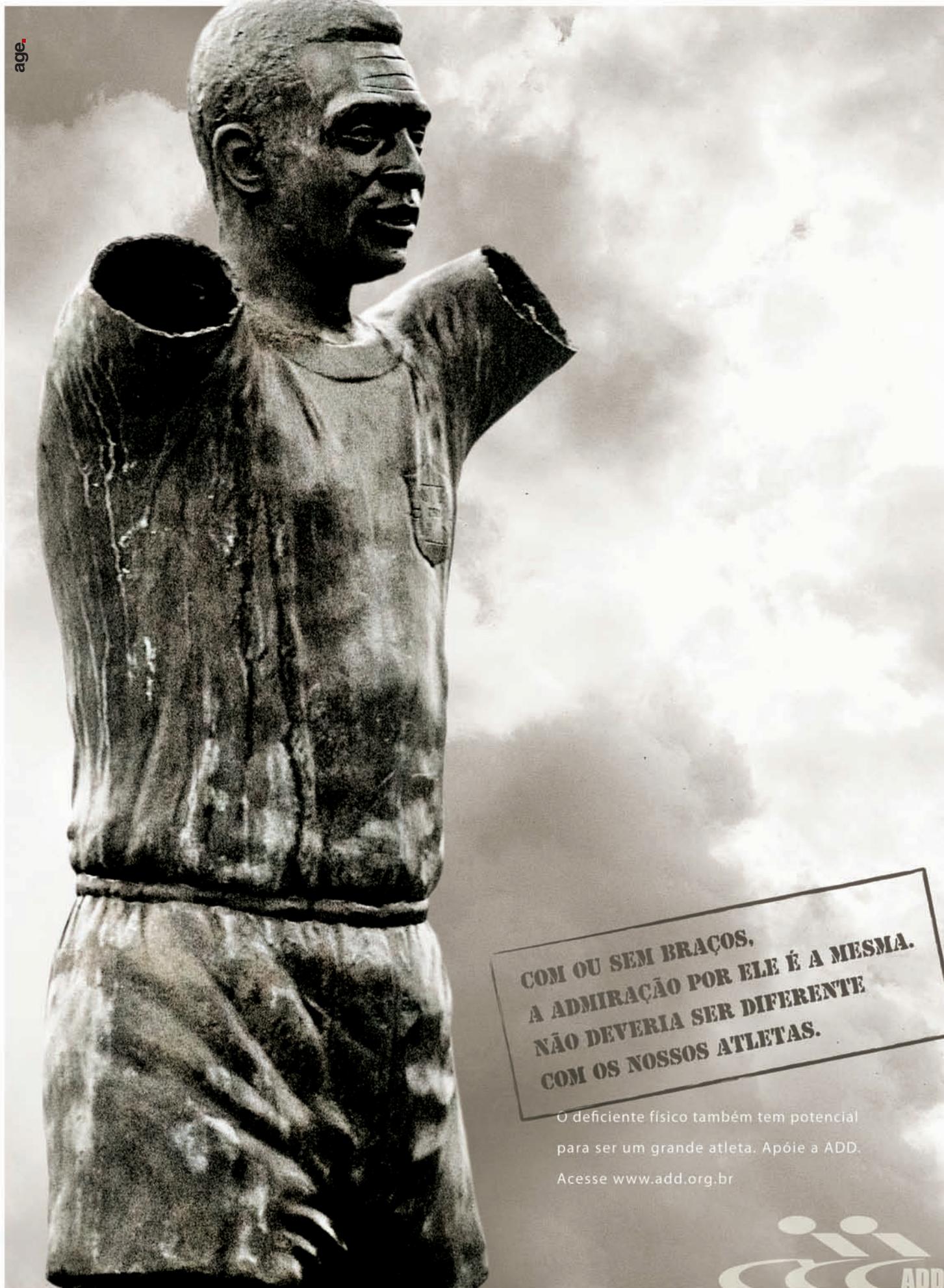


^ Camiseta Afine
R\$ 45,00

<<Camiseta mudar
R\$ 35,00



A MODA
DAVIDA



**COM OU SEM BRAÇOS,
A ADMIRAÇÃO POR ELE É A MESMA.
NÃO DEVERIA SER DIFERENTE
COM OS NOSSOS ATLETAS.**

O deficiente físico também tem potencial para ser um grande atleta. Apóie a ADD.
Acesse www.add.org.br



A ANTÁRTIDA DERRETE

A Antártida perdeu dezenas de bilhões de toneladas de gelo na última década, o que contribuiu com a elevação dos mares no mundo. Essa foi a principal conclusão de pesquisa divulgada no início do ano pela revista Geoscience, que está causando furor entre ecologistas.

O gelo derreteu especialmente no oeste da Antártida (132 bilhões de toneladas perdidas em 2006, contra 83 bilhões em 1996) e na península Antártica, que se prolonga em direção à América do Sul (60 bilhões de toneladas perdidas em 2006), segundo artigo de Eric Rignot e de seu grupo de pesquisadores que usaram imagens de satélite para monitorar o litoral da Antártida.

Em nota, outro pesquisador, Jonathan Bamber, lembrou que 4 bilhões de toneladas de gelo bastariam para fornecer água potável aos mais de 60 milhões de britânicos durante um ano.

Para os pesquisadores, os alertas da natureza são claros: o aquecimento global é uma penosa realidade a ser enfrentada pela humanidade.

CARROÇAS NAS

RUAS DA FRANÇA

TEXTO [RITA BASTOS - LONDRES]

As carroças voltaram às ruas na luta dos franceses contra o aquecimento global. O fato de cerca de 70 cidades francesas estarem substituindo veículos motorizados por carroças puxadas por cavalos para realizar serviços públicos como coleta de lixo, transporte de pessoas e manutenção de jardins, ganhou destaque na imprensa britânica neste início de ano. A preocupação das autoridades francesas é um alerta para diversos países europeus, especialmente diante da alta do barril de petróleo neste início de 2008. Mais: as mudanças climáticas hoje são preocupação na pauta de vários países da Europa. Então, aquela cena de interior do Brasil ganha traços de modernidade até em cidades luxuosas da Côte D'Azur e da Provence, roteiros de milionários do mundo na França.



TOUROS NA RUA



TEXTO [VIRGÍNIA SILVEIRA - MADRI]

Considerada símbolo da cultura hispânica, com mais de dois séculos de história, as corridas de touros dividem hoje as opiniões dos espanhóis e enfurecem as organizações ecologistas e de defesa dos direitos dos animais. A última pesquisa realizada pelo Instituto Gallup em 2006 revela, inclusive, uma contínua tendência de descenso do interesse da população por esse tipo de espetáculo. Em princípios dos anos 70, cerca de 55% da população tinha interesse em ver as corridas, mas a partir dos anos 90 esse coletivo foi reduzido para 30%. As regiões da Galícia e Catalunha foram as que registraram as menores cifras de aficionados, com um índice de rejeição em torno de 80%. Este desinteresse é demonstrado, segundo a pesquisa, sobretudo entre mulheres, com um índice de 78,5% e também entre os jovens com idades entre 15 e 24 anos, em que o desinteresse é superior a 80%. Contrária as corridas de toros, a ministra de Meio Ambiente da Espanha, Cristina Narbona, afirmou que existe um movimento internacional crescente de proteção dos direitos dos animais e que a Espanha tem cada vez mais dificuldades para defender suas tradições taurinas na União Européia. Embora ainda não exista uma lei que proíba este tipo

de espetáculo, a ministra acredita que seu desaparecimento é uma questão de tempo. A recente reforma do código penal espanhol, em que maltratar animais em espetáculos não autorizados é considerado delito com pena de prisão, demonstra que a tradição taurina está com os dias contados. Somente este ano, ativistas de organizações não governamentais como a Igualdade Animal, realizaram mais de 10 manifestações contra as corridas de touros na Espanha. Por outro lado, 45 municípios espanhóis já se declararam oficialmente contrários a realização desses espetáculos em suas cidades. As corridas de touros custam mais de 560 milhões de Euros por ano e sacrificam em torno de 70 mil animais a cada temporada.

AJUDA NUCLEAR

O presidente da França, Nicolas Sarkozy, ofereceu, neste início de ano, ajuda para que a Arábia Saudita desenvolva um programa pacífico de energia nuclear. Ele quer atrair investimentos do Oriente Médio para o seu país, numa tentativa de criar novos empregos e conquistar simpatia.

O LIXO DO PRIMEIRO MUNDO



TEXTO [RENATA MONDEO - SUÍÇA]

Em tempos modernos, lixo virou tema obrigatório de qualquer papo-sério que aborde o tema da sustentabilidade. Principalmente se estamos falando da Suíça, país pioneiro em matéria de reciclagem e benchmark mundial em projetos de gestão de resíduos urbanos. Para se ter uma idéia de como o assunto é prioridade por aqui, basta conhecer um pouco sobre o programa de coleta de dejetos e reciclagem de Lausanne, cidade localizada no Canton de Vaud (Suíça francesa).

Atualmente, a seleção contempla a separação de 45 tipos diferentes de lixos que têm diversas classificações, extensamente explicadas e muito bem organizadas em cartilhas entregues, anualmente, para todos os moradores da cidade.

No documento constam todas as informações relacionadas ao material a ser reciclado, assim como tabela indicando data e horário para o recolhimento. Para tipos de resíduo não recolhidos em casa, a cartilha indica os endereços das déchèteries, depósitos de lixo obrigatoriamente espa-

lhados por todos os bairros.

Um capítulo a parte é o tratamento dado a itens considerados especiais como aparelhos domésticos, computadores, telefones portáteis, plásticos e materiais pesados. Objetos que, desde o final da década de 80, já possuíam programas próprios de cuidado e armazenamento. E isso... muito antes do mundo entrar na era verde.

No entanto, os suíços ainda parecem pouco satisfeitos com os resultados obtidos e pretendem aumentar a eficácia da reciclagem de dejetos, hoje avaliada em 50%, para no mínimo 60%. Para isso, a prefeitura de Lausanne acaba de lançar duas iniciativas para o setor que estarão em pleno funcionamento até meados de 2008. A primeira a ser implementada será a circulação das déchèteries móveis e, em seguida, a abertura de um Centro de Logística de Dejetos que melhor fara a triagem dos dejetos de várias comunidades do Canton de Vaud aumentando a qualidade e rentabilidade alcançada pelo programa. Atualmente, a Suíça exporta *know-how* em tecnologia do lixo para diversos países localizados na África, Ásia e Leste Europeu.

É uma lição a ser seguida por outros países dada a gravidade do lixo para a saúde das pessoas e do planeta.

UM MUNDO SEM IDENTIDADE

TEXTO [YUMI IKEDA - TÓQUIO]



Neste início de ano, parece que a juventude japonesa está em busca de uma identidade e foge da convencional, de um país dinâmico, moderno e disposto a conquistar, especialmente por montadoras e indústria de eletroeletrônicos, o mercado global. Busca nos mangás, os famosos quadrinhos de desenhos japoneses, a sua identidade e se vestem, por todo lado, com as roupas dos personagens. Não que os cosplays, abreviação de costume player, sejam fato novo, mas é uma mania que ganha, a cada dia, novos adeptos. Desde que, na década de 70, uma convenção de quadrinhos, nos Estados Unidos, decidiu franquear a entrada para fantasiados de super-heróis, a moda se alastrou. E no Japão, onde as convenções de quadrinhos e mangás são levadas muito à sério, isso virou regra. No Brasil, a editora JBC, especializada na publicação de mangás, envia todos os anos, brasileiros - muitos nipodescendentes - para participar das competições. O que preocupa psicólogos e estudiosos é que essa juventude parece não ter uma identidade própria e se refugia nos quadrinhos na tentativa de negar a realidade de um país cosmopolita e agrário como o Japão. Parecem, ao assumir os personagens, dispostos a negar a realidade que os cerca. Para estudiosos, num país que tem tudo e várias oportunidades, essa negação da realidade.

O FIM DE UM IMPÉRIO

O Regicídio de 1 de fevereiro de 1908, na Praça do Comércio (mais conhecida por Terreiro do Paço), em Lisboa, marcou profundamente a História de Portugal. Dele resultou a morte do Rei D.Carlos e do seu filho e herdeiro, o Príncipe Real D.Luís Filipe.

O episódio antecipou a República e ainda dá panos para manga: os monarquistas aproveitam o centenário para cobrar o retorno da Casa Imperial, que há 200 anos aportava em terras brasileiras. O desejo de alguns está estampado em jornais e cartazes.





Simone de Beauvoir

TEXTO [CARLOS FRANCO]
FOTOS [DIVULGAÇÃO]

ELA AMOU, FOI AMADA E FEZ DA VIDA UMA LIÇÃO DE FÉ NO FUTURO DA HUMANIDADE SEM PERDER A RADICALIDADE DA DEFESA INTRANSIGENTE DOS DIREITOS DA MULHER

Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, a mulher que escreveu seu nome na história como Simone de Beauvoir, nasceu em Paris, em 9 de janeiro de 1908, mesma cidade onde faleceu em 14 de abril de 1986, deixando como legado, cem anos após o seu nas-





cimento, uma obra densa e libertária, de direitos humanos e liberdade sexual. Uma mulher que, à frente do seu tempo, pregava a responsabilidade social como arma para se viver num mundo mais justo, e a liberdade sexual, inclusive de opção, independentemente do sexo, como princípio moral, uma vez que o amor e o sexo são, em si só, princípio da liberdade.

Filha mais velha do advogado Georges de Beauvoir e de Françoise Brasseur, Simone de Beauvoir sempre procurou se livrar de sua origem burguesa, criando espaço para uma vida independente e modesta quando deixou a casa dos pais para se dedicar à academia, indo morar no Boulevard Raspail, lugar de estudantes e boêmios.

Na escola, ainda menina, estava sempre em primeiro lugar, junto com a inseparável amiga Elizabeth Mabile ("Zaza"), com quem teve uma relação de muitos anos que foi abruptamente rompida com a morte precoce de Zaza. Simone, anos mais tarde, em 1958, contaria esse episódio de sua vida no primeiro livro autobiográfico, *Memórias de Uma Moça bem-com-*

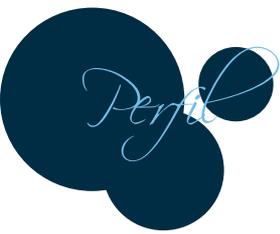
portada, em que critica os valores burgueses e abria espaço para a polêmica em torno da opção sexual, deixando a entender a existência de uma relação com Zaza. Foi o suficiente para se colocar no centro de polêmicas sobre liberdade e sexualidade.

Em 1929, aos 21 anos, a bela Simone de Beauvoir haveria de conhecer na Sourbonne aquele que seria seu companheiro de idéias e de cama, ainda que em casas separadas, o filósofo Jean-Paul Sartre. Essa mulher de fala delicada começaria neste ano um novo capítulo de sua vida, mergulhando no existencialismo de Sartre e nas liberdades individuais sem abrir mão dos compromissos coletivos, do bem comum. Logo, Simone participaria como ator principal da corrente existencialista e do círculo de Sartre e seria, por ele, estimulada a escrever.

Como o mestre, com o qual tinha uma relação aberta, e nos intervalos a convivência de ambos com outros parceiros, foi professora de filosofia até 1943, dando aulas e palestras em várias cidades e universidades francesas, tornando-se referência no debate sobre filosofia e existência.

No primeiro romance, já tomada pela influência da escola existencialista, *A convidada* (1943), ela decidiu explorar de forma obstinada os dilemas existencialistas da liberdade, da ação e da responsabilidade individual. A esse romance se seguiu *O sangue dos outros* (1944), onde registrava o conflito de um integrante da Resistência, entre o seu desejo pessoal e o coletivo. Em 1946, lançaria o livro *Todos os Homens são Mortais*, seguido de *Por uma Moral*





SIMONE DE BEAUVOIR

TEXTO [MONICA VALBY]

Quando ela morreu, em 1986, a filósofa Elisabeth Badinter declarou: “Mulheres, vocês lhe devem tudo!” Vinte anos depois, Simone de Beauvoir continua a ser aquela que, com seu livro *O Segundo Sexo*, fez voar em estilhaços a camisa de força da pretensa “inferioridade feminina”. E viveu como uma mulher livre.

Existem moças na França, estudantes inclusive, que ignoram quem ela é. A antropóloga Françoise Héritier encontrou algumas durante um colóquio do CNRS (Centro Nacional para a Pesquisa Científica). Um ano depois, a professora honorária do Collège de France não esconde sua surpresa. Como desconhecer Simone de Beauvoir, autora do *Segundo Sexo*, um livro internacionalmente considerado como a base do feminismo contemporâneo?

Beauvoir diria, mais tarde, que não era assim que havia imaginado entrar para história, mas, como boa existencialista, assumiu o fato. Nascida em 1908, desde muito jovem tinha o projeto de não se casar, tornar-se filósofa e escrever. O casal que formava com Jean-Paul Sartre, baseado na liberdade e na confiança mútuas foi um marco da vida literária e política dos anos 1940 até os anos 1970. Como intelectuais “engajados”, ou seja de esquerda, produziram uma obra de vulto, sendo cada um o primeiro leitor do outro.

UMA MULHER E UMA ESCRITORA COMPLETA

Romancista, dramaturga e jornalista, Beauvoir entrelaçou vida e obra de forma inextricável. Nos relatos autobiográficos[1] quis tudo explicar e explicar-se a respeito de tudo, mantendo um distanciamento. Entretanto, sua correspondência póstuma revela, nas cartas a Nelson Algren, seu amor americano que encontrou em 1947 em Chicago e que fez dela uma “mulher completa”, amando com “corpo, coração e alma”, uma mulher encantada, curiosa a respeito de tudo, jovial e completamente apaixonada. Isto é contado em *Os Mandarins*, pelo qual recebeu o prêmio Goncourt de 1954.

Essa distinção não foi suficiente para abafar o escândalo provocado em 1949 pela publicação de *O Segundo Sexo*, uma análise política sem precedentes da questão feminina. Beauvoir demonstra que a inferioridade feminina não é natural e sim construída socialmente, fato que, no entender de Françoise Héritier, é “um modo novo de falar do gênero”. Beauvoir insiste na igualdade entre os sexos e incita as mulheres a se

da Ambigüidade (1947) e *A América no dia a dia* (1947). Em 1949, toca o dedo nas feridas mais profundas e abre espaço para o debate em torno da posição da mulher na sociedade ao lançar o *O segundo sexo - Fatos e Mitos* (Volume 1) e o *Segundo Sexo - A experiência vivida* (Volume 2). Mas é só em 1954, com o lançamento de *Os Mandarins*, que a escritora, ensaísta e feminista - sem deixar de ser feminina - ganha destaque internacional e o prêmio Goncourt. Para os críticos, a habilidade de Simone estava em escrever o que vivenciou, de forma clara e transparente, contundente e emocional. *Os Mandarins*, por exemplo, é o seu relato sobre a França entre 1944 e 1948, "o chão coberto de ilusões desmoronadas" após a guerra.

Em 1981, como o mesmo frescor dos bons contadores de história, trouxe a público a sua relação com Sartre no livro *A Cerimônia do Adeus*. E, assim, contando histórias, essa mulher paimentou uma estrada por onde outras passariam, mais livres dos preconceitos, mais dispostas a valorizar a existência. Uma existência que, para Simone, deveria ser sempre plena.

ELA FEZ DA SUA VIDA UM LIVRO ABERTO E SABOROSO ENSINANDO OUTROS A VIVER

emanciparem, principalmente através da independência econômica. Muitos homens enfureciam-se com o livro, enquanto as mulheres o liam. Até sua morte, milhares de mulheres escreveram a Beauvoir, algumas para dizer que seu texto as tinha salvo. A americana Betty Friedan[2] dedicou a ela, em 1963, *A Mulher Mistificada*, segunda obra fundadora do feminismo[3].

Durante toda a vida, tal como Sartre, Beauvoir serviu-se de sua notoriedade para defender os intelectuais e os “oprimidos”, especialmente as mulheres. Nos últimos quinze anos de sua vida, encontrou nas mulheres do “movimento” um radicalismo e uma exigência de clareza à sua medida e ela se engajava nesse movimento entusiasmada, “porque elas não eram feministas para tomar o lugar dos homens, mas sim para mudar o mundo”, declara ao jornal *Le Monde* em 1978, afirmando a seguir: “Mantenho absolutamente a frase: não você se nasce mulher, torna-se”. Tudo o que eu li, vi, e aprendi nestes últimos 30 anos confirmaram essa idéia. A feminilidade é fabricada, como aliás também se fabricam a masculinidade e a virilidade”. Ela criou a associação *Escolher para o Direito a uma Maternidade Desejada*, em conjunto com a advogada Gisèle Halimi, o Centro Audiovisual *Simone-de-Beauvoir*, com a atriz

Delphine Seyrig e Carole Roussopoulos e a Liga do Direito das Mulheres.

“Essa mulher que não quis ter filhos tem, hoje, milhões de filhas pelo mundo”, observa com humor a escritora Benoîte Groult. Simone de Beauvoir é venerada pelas feministas, que a lêem e estudam, principalmente fora da França. A *Simone de Beauvoir Society*, com sede na Califórnia, realizará seu 14º colóquio em Roma, na Itália, em setembro de 2006. A jornalista Bénédicte Manier constatou que, na Índia, “em todas as discussões sobre as mulheres, ao cabo de dez minutos, as indianas citam Simone de Beauvoir”.

Em comparação, seu lugar na França é muito discreto. Seus escritos não estão incluídos no programa escolar e só encontramos 7 das 68.000 escolas francesas com seu nome. Porém, a vida é movimento. Simone de Beauvoir vai entrar para a paisagem parisiense, pois uma nova passarela sobre o Sena, em frente à Biblioteca François-Mitterrand, terá o seu nome. Um reconhecimento raro e duradouro.

SUA HERANÇA É IMENSA

Entrevista com Anne Zelensky-Tristan[4], co-fundadora, em 1974, da Liga do Direito das Mulheres, presidida por Simone de Beauvoir.

“A idéia da Liga do Direito das Mulheres partiu dela, que estava irritada com a inércia da Liga dos Direitos Humanos nesse tópico. A associação foi fundada por várias mulheres e presidida por Beauvoir. Ela sempre esteve muito presente. Em 1971, estava à frente do Manifesto das 343, assinado por mulheres conhecidas que declaravam ter-se submetido a um aborto[5]. O escândalo foi imenso. Em 1972, participou das duas Jornadas de denúncias dos crimes contra as mulheres. Na sala da Mutualité[6], ela esteve sentada conosco, em círculo, no grupo do aborto.

Simone de Beauvoir foi, para mim, um modelo vivo e um modelo de vida. Já muito jovem eu quis viver como ela, assumir minha liberdade. Sempre admirei a tentativa dela e Sartre de reinventar o casal, tentativa esta que continua à frente do que se faz hoje.

Hoje, os jovens mal conhecem Simone, pois ela foi extirpada dos programas. O Segundo Sexo continua sendo uma bomba para o sistema patriarcal! Apesar dos guardiães do templo, sua herança é imensa.”

Monica Valby, jornalista, publicou esse artigo na *Label France* nº 63, em 2006

[1] Memórias de uma Moça Bem-Comportada, A Força da Idade e A Força das Coisas, como também *Uma Morte Muito Suave* (a de sua mãe) e *A Cerimônia do Adeus*, a respeito dos últimos anos de Sartre, falecido em 1980.

[2] Betty Friedan, feminista Americana fundadora da National Organization for Women (NOW), faleceu em 2006.

[3] O terceiro é *Um Quarto Seu*, de Virginia Woolf.

[4] Anne Zelensky-Tristan publicou em 2005 *Histoire de vivre, mémoires d'une féministe* (História de uma vida, memórias de uma feminista) editora Calmann-Lévy (Paris).

[5] O aborto será legalizado na França em 1975, permitindo às mulheres que muitas vezes punham suas vidas em risco por causa de gravidezes indesejadas sair da clandestinidade.

[6] A Mutualité é uma sala parisiense onde se realizam reuniões políticas.



HELONEIDA

ADEUS COMPANHEIRA

O

O Brasil está de luto. Morreu, dia 3 de dezembro, um dia depois de ter sido eleita presidente do Diretório Zonal do PT de Copacabana, a ex-deputada estadual, militante petista e histórica militante da luta das mulheres, Heloneida Studart.

Escritora, ensaísta, teatróloga, jornalista, Heloneida Studart foi premiada como uma das mulheres que mais lutaram pela justiça social no Brasil e uma das indicadas em 2005 ao Prêmio

Nobel da Paz. Fundadora do movimento feminista no Brasil, criou leis que beneficiam as mulheres, como a Lei 2648 que garantiu o exame de DNA para mães de baixa renda

Heloneida Studart nasceu em Fortaleza, no Ceará, no dia 9 de abril de 1932.

Com dezesseis anos, Heloneida foi morar no Rio de Janeiro, estreando como colunista no jornal O Nordeste, onde suas opiniões já causavam polêmicas na época. De Fortaleza, ela trouxe os originais de seu romance A primeira pedra, que seria publicado em São Paulo, em 1953, pela Editora Saraiwa. Quatro anos depois, viria o romance Dize-me o teu nome, que foi premiado pela Academia Brasileira de Letras e laureado com o prêmio Orlando Dantas, do jornal Diário de Notícias. Em 1960, ela foi trabalhar no jornal Correio da Manhã e, por várias décadas, atuou no jornalismo, apesar de ter se formado em Ciências Sociais pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Posteriormente, ela trabalhou dez anos

como redatora da revista Manchete.

Heloneida envolveu-se com as lutas populares e foi eleita presidente do Sindicato das Entidades Culturais (Senambra), em 1966. No entanto, por fazer oposição à ditadura militar, foi destituída do cargo e presa em março de 1969. Do cárcere, no presídio São Judas Tadeu, brotaram os roteiros de seus futuros trabalhos Quero meu filho e Não roubarás. Em meio àquele ambiente de repressão, ninguém imaginaria que, em anos vindouros, aqueles trabalhos seriam exibidos com sucesso pela TV Globo.

Com o fim do regime militar, surgiram três novos romances, chamados pela própria autora de Trilogia da tortura: O pardal é um pássaro azul (que já foi traduzido em quatro idiomas); O estandarte da agonia (inspirado na vida de sua amiga Zuzu Angel); e O torturador em romaria.

A jornalista escreveu sobre a condição feminina, a convite da Editora Vozes, publicando os ensaios Mulher objeto de cama e mesa, obra que vendeu 280 mil exemplares e se transformou em uma espécie de bíblia do feminismo brasileiro; e Mulher, a quem pertence seu corpo? Esses dois trabalhos estão, respectivamente, na 27ª. e 6ª. edições.

Em 1978, com 60 mil votos, Heloneida seria eleita deputada estadual do Rio de Janeiro, pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro



(PMDB). Ela reelegeu-se em 1982, novamente pelo PMDB, sendo inclusive vice-líder da bancada de 1979 a 1988, ano em que deixou o Partido, e participou da fundação do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). No ano seguinte, saiu do PSDB e entrou no Partido dos Trabalhadores.

Entre outros, Heloneida exerceu vários cargos importantes: foi vice-presidente da Comissão Parlamentar de Controle do Meio-Ambiente, de 1979 a 1980; presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) de 1981 a 1982; integrou as comissões especiais, relativas aos direitos da mulher, no que diz respeito aos direitos reprodutivos; participou da apuração das condições de atendimento da população nessa área; em seu terceiro mandato como deputada, atuou como vice-líder da bancada do PT; e, de 1995 a 1999, presidiu uma comissão especial destinada a apurar as formas de arrecadação e distribuição dos direitos autorais no Rio de Janeiro. Além disso, fundou duas instituições importantes, com várias companheiras feministas: o Centro da Mulher Brasileira, a primeira entidade feminista do País; e o Centro Estadual dos Direitos da Mulher (Cedim); e é presidente da Comissão Permanente de Defesa dos Direitos Humanos.

Heloneida Studart tinha seis filhos, tinha um temperamento alegre e hábitos bem simples. Com vários mandatos de deputada estadual, ela aprovou muitas leis que vieram a beneficiar mulheres e trabalhadores, estando sempre em defesa da democracia e da justiça social. A profissional polivalente também ficou conhecida por sua participação nos debates da TV (como o "Sem Censura" da TV Educativa, onde atuou durante dois anos), nos programas de rádio e na publicação de artigos nos principais jornais cariocas.

No livro *Mulheres brasileiras*, da Editora Record, Heloneida Studart foi indicada como uma das 100 brasileiras mais importantes do século XX. Mais recentemente, a Fundação de Mulheres Suíças escolheu 1.000 mulheres para concorrerem ao prêmio Nobel da Paz. Dentre elas, 52 eram brasileiras; e a jornalista cearense estava entre elas.

A morte de Heloneida Studart é uma grande perda para o Brasil e o PT. Seu exemplo de luta e solidariedade nos farão falta.

José Dirceu, fundador do PT e destacado líder estudantil dos anos 60 e 70, foi ministro-chefe da Casa Civil no primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva.



Os ouvidores da natureza

CASAL MOSS PESQUISA OS RIOS BRASILEIROS QUE MANDAM SOS

TEXTO [ARIPE]

FOTO [MARGI MOSS]

As imagens são deslumbrantes. Lindas. Mas também mandam um alerta. Do alto, a bordo de um pequeno avião, Gérard e Margi Moss, ecologistas que sobrevoam o Brasil há mais de 20 anos, percebem que os rios de diferentes pontos deste vasto país – e a biodiversidade brasileira, como um todo – estão mandando um SOS. Pedem ajuda para evitar que sofram ainda mais com a devastação provocada pelo homem e sua busca pelo desenvolvimento a qualquer preço.

A idéia de ecoar este “grito” surdo da biodiversidade surgiu há alguns anos, enquanto o casal sobrevoava a Amazônia e outros países. De lá para cá foram vários projetos, um atrás do outro, quase como uma missão de fé e esperança por dias

de maior proteção à floresta e às águas. Não os chamem, entretanto, de pesquisadores. “Somos coletadores de amostras, que aí sim são repassadas para os cientistas”, frisa Margi.

Os Moss têm trabalhado intensamente para ajudar a entender a qualidade do ar e das águas brasileiras, que representam 12% dos recursos hídricos do planeta. Os projetos foram estruturados, um após o outro: na direção dos extremos das Américas; de carro por diferentes pontos assim como no Asas ao Vento (em motoplanador). Mais tarde, nascia o Brasil das Águas (www.brasildasaguas.com.br), entre outubro de 2003 e novembro de 2004. “Como há muita água no Brasil, e é muito espalhada sobre um território imenso, a maneira mais eficaz de coletar amostras nesses pontos longínquos também era por avião. Utilizamos um avião anfíbio”, explica Gérard.

A vida de Gerard e Margi é mesmo de viajante. A mais recente expedição foi Rios Voadores, desenvolvida ao longo de 2007. Rios - de Norte a Sul, Leste a Oeste - foram mapeados e fotografados.



Com a experiência de tantos anos pesquisando a diversidade brasileira, o casal alerta que floresta depende da água como a água depende da floresta. O projeto Rios Voadores visa mostrar essa dependência para a população do coração econômico do Brasil, ou seja no sudeste e sul do país. O curioso, contam os dois viajantes, é que justamente nestas regiões tão ricas em biodiversidade, muita gente não dá a mínima importância para a Floresta Amazônica, que lhes parece tão distante quanto, por exemplo, o Tibet.

“Queremos mostrar para eles o papel vital que a floresta joga no regime das chuvas que são essências para fornecer suas águas, encher suas represas que geram sua energia e fazem girar suas indústrias, irrigar suas plantações que são seu ganha-pão, etc. Quando cair a ficha, darão mais importância aos problemas da região norte, como as queimadas e os desmatamentos. É nisso que acreditamos”, diz Margi.

Gerard é suíço e desde pequeno está acostumado a vida de aventureiro, tendo viajado com amigos, aos 13 anos em móbiles de Lausanne a Paris. Tirou o brevê de piloto na Califórnia, em 1983 e mudou-se para o Brasil em 1985, para montar empresa especializada em exportação de soja. Margi nasceu no Quênia e depois de estudar Letras na Escócia, em Saint Andrews – a mesma faculdade onde estuda hoje o príncipe William, a terceira universidade mais antiga do Reino Unido, fundada em 1410 - veio para o Rio de Janeiro em 1979 em busca do calor tropical. Já corria nas veias a preocupação ambiental e o gosto pelas aventuras, que só cresceram com a paixão por Gerard. Conheceram-se em 1985, no verão de Búzios.

A doce Margi recorda-se que o marido sempre gostou de viajar em pequenos aviões. Em 1986, decidiu propor um desafio à esposa, convidando-a para voar até o Caribe, aproveitando duas semanas de férias em sua aeronave. “Topei na hora. Só que não pensei em entrar em mais detalhes”, recorda-se. A viagem ao Caribe foi uma aventura e tanto. Gerard e Margi Moss

levaram uma semana até chegar à Martinica. Dormiram apenas uma noite na paradisíaca ilha e começaram a viagem de volta. Depois, foram tantas viagens, que Margi resolveu deixar tudo anotado e registrado para não se esquecer dos detalhes. A primeira grande expedição foi a volta ao mundo, um sonho realizado sem patrocínio, empurrado pelo desejo de conhecer um monte de lugares antes de envelhecer. Naquela época, os dois tinham apenas 35 anos. A esposa também tirou seu brevê de piloto antes de partir para a volta ao mundo que levou 32 meses (1989-1992).

De lá para cá, a intensa dedicação do casal com projetos sérios e ancorados em propostas sustentáveis conquistou parceiros e apoios importantes. Empresas como a Petrobras, BR Aviation, Chubb Seguros, Instituto Embraetel, Rede Globo, Agência Nacional de Águas e a rede de lojas Richards. Seguiram-se vários projetos, como Asas do Vento, Brasil das Águas e Rios Voadores. A bordo de motoplanador - e de outros tipos de aviões -, o casal perco-

rru rincões distantes do país. O objetivo é fazer não só com que o Brasil conheça o Brasil – com repercussão mundial - mas principalmente ajudar no trabalho de pesquisa e preservação.

Para 2008, os planos incluem a continuação do projeto Rios Voadores (www.riosvoadores.com.br) que vai realizar um estudo, coletando amostras de vapor d'água e de água de chuva. “Nosso objetivo é entender melhor o fluxo de umidade da Amazônia que é trazido ao Centro-oeste e ao Sul pelos ventos e forma nossas chuvas. A pergunta é qual porcentagem da umidade vem da Amazônia. Qual é o papel (e o valor) da floresta em pé?”, questiona Margi.

As informações que resultam dos projetos ligadas à água estão sempre disponibilizadas para quem quiser obtê-las: as análises e os relatórios. Os ecologistas são procurados tanto por estudantes e universitários, como por pesquisadores e pessoas que trabalham em instituições que lidam com o meio-ambiente. O acervo de fotos das expedições – tanto Margi quanto Gérard são excelentes fotógrafos - também é muito procurado. Gentilmente, o casal nos oferece aqui na Plurale em revista este “deleite” visual. Acompanhe nas fotos os detalhes dos rios do Brasil têm de diversidade, seja na Bacia do Amazonas, no Rio Paraguai ou no Nordeste.

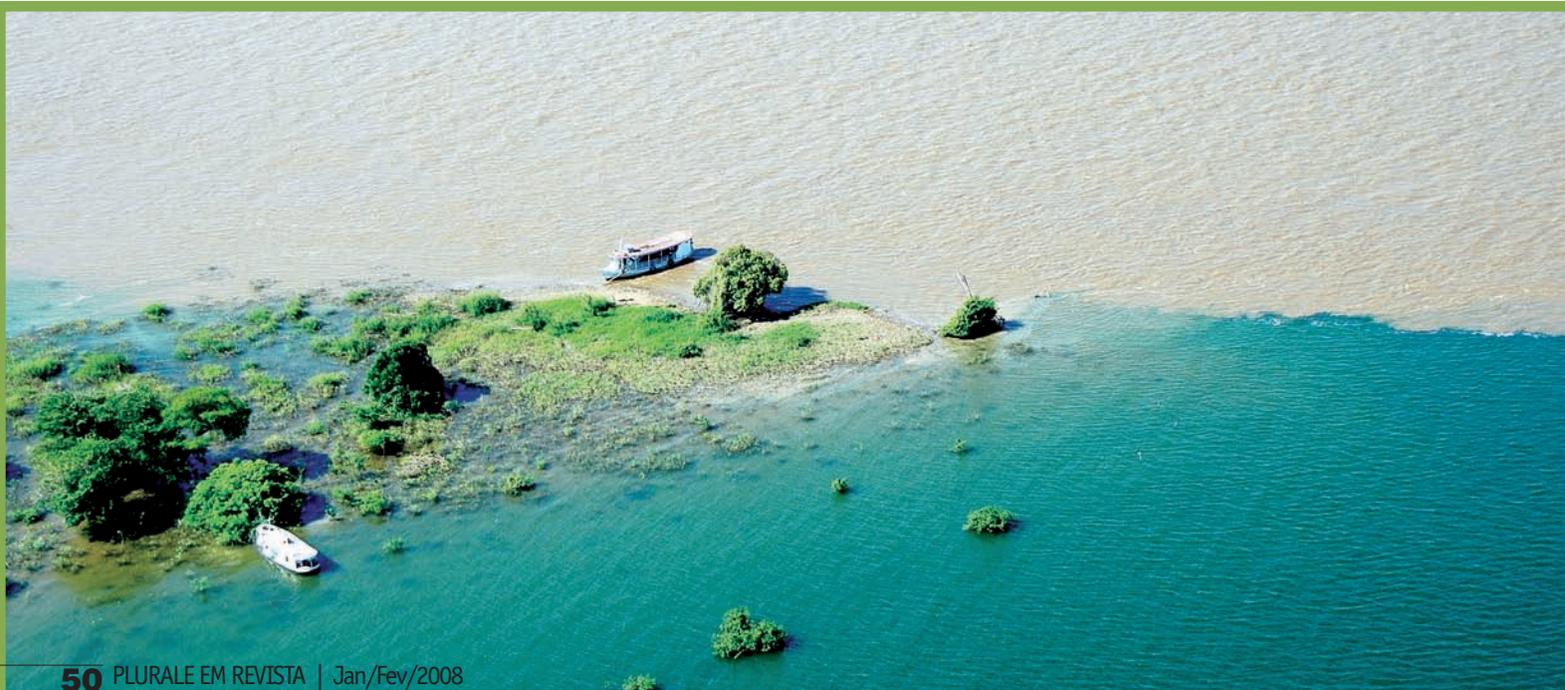
O casal aposta na conscientização cada vez maior da sociedade, especialmente das crianças, a partir de um intenso trabalho de educação ambiental. O curioso, lembra o casal, é que são as crianças estão impulsionando este trabalho, conscientizando os pais.

Margi lembra que por vários anos, muitas pessoas tachavam de “eco-chato” qualquer pessoa que quisesse melhorar a qualidade da água, do ar, do verde. Mas agora, cada um está procurando fazer a sua parte. Ela acredita que há três tipos de pessoa: os “eco-chatos”, preocupados com a vida - humana, animal e vegetal - e com o futuro; os “egochatos”, envolvidos apenas com eles

mesmos, com seu umbigo e entorno e os “ignochatos”, que, por falta de informação, não sabem que estamos numa situação de crise ou não sabem como fazer sua parte.

“Faça um exercício. Pense nas pessoas que conhece e vai ver que facilmente recaem numa dessas três categorias. O mesmo pode ser aplicado às empresas, com a diferença que hoje em dia, não podem existir diretores destes grupos que desconhecem a exigência de tratar os efluentes de seus processos. Se não o fizer, é por maldade ou malandragem”, conclui. Margi destaca que há atualmente toda a tecnologia para tornar nossas vidas menos onerosas sobre o meio-ambiente. “A opção é nossa se quisermos fazer prevalecer a “community spirit” nos ambientes local, nacional e mundial.”

Para o futuro, Gerard e Margi Moss não fazem planos num horizonte muito longo. As possibilidades são muitas, mas preferem não planejar tão longe. Em um ponto já está certo. Viajarão ainda por muito tempo, sempre juntos. A convivência nos ares e na terra, juntos, na missão ecológica, é receita de sucesso par um casamento longo e feliz. “Um casal viajante se vê muito! Às vezes, 24h durante semanas – eis a verdadeira prova de um bom casamento, de uma boa amizade além de tudo. São raras as viagens que não fazemos juntos”, resume Margi. ●





NO RIO TEM UMA PRAIA NAS ÁGUAS UM ENCONTRO DE CORES

Nas águas turvas do

VELHO CHICO

média de 3.850 metros cúbicos por segundo (!) e sua vazão mínima é de 1.850 metros cúbicos por segundo (!). Isto mesmo, a cada segundo de relógio, o Rio despeja no mar este imenso volume de água.

O projeto de integração de bacia, equivocadamente chamado de transposição, pretende retirar do Rio no máximo 63 metros cúbicos por segundo. Na verdade, só se retirará este volume se o rio estiver botando uma cheia, o que acontece numa média de cada cinco anos. Este pequeno volume é suficiente para garantia do abastecimento humano de 12 milhões de pessoas.

O rio tem sido agredido há 500 anos. Só agora começou o programa de sua revitalização, e é o único rio brasileiro com um programa como este graças ao pacto político necessário para viabilizar o projeto de integração.

No semi-árido do Nordeste setentrional, onde fui criado, a disponibilidade segura de água hoje é de apenas cerca de 550 metros cúbicos por pessoa, por ano (!). E a sustentabilidade da vida humana pelos padrões da ONU é de que cada ser humano precisa de, no mínimo, 1.500 metros cúbicos de água por ano. Nosso povo lá, portanto, dispõe de apenas um terço da quantidade de água mínima necessária para sobreviver.

Não por acaso, creia, Letícia, é nesta região o endereço de origem de milhões de famílias partidas pela migração. Converse com os garçons, serventes de pedreiros ou com a maioria dos favelados do Rio e de São Paulo. Eles lhe darão testemunhos muito mais comoventes que o meu.

Tudo que estou lhe dizendo foi apurado em 4 anos de debates populares e discussões técnicas. Só na CNBB fui duas vezes debater o projeto. Apesar de convidado especialmente, o bispo Cappio não foi. Noutra debate por ele solicitado, depois da primeira greve de fome, no palácio do Planalto, ele também não foi. E, numa audiência com o presidente Lula, ele foi, mas disse ao presidente, depois de eu ter apresentado o projeto por mais



AS OBRAS DE TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO

COMEÇARAM MAS AINDA DIVIDEM OPINIÕES E SONHOS.

E TAMBÉM TROCA DE CARTAS COMO AS AQUI PUBLICADAS QUE TRAÇAM PANORAMA DA DISCUSSÃO



A CARTA DE CIRO GOMES A LETÍCIA

Letícia, ando meio quieto por estes tempos, mas, ao ver você visitando o bispo em greve de fome no interior da Bahia, pensei que você deveria considerar algumas informações e reflexões. Poderia começar lhe falando de República, democracia, personalismo, messianismo... Mas, sendo você a pessoa especial que é, desnecessário. O projeto de integração de

bacias do rio São Francisco aos rios secos do Nordeste setentrional atingiu, depois de muitos debates e alguns aperfeiçoamentos, uma forma em que é possível afirmar que, ao beneficiar 12 milhões de pessoas da região mais pobre do país, não prejudicará rigorosamente nenhuma pessoa, qualquer que seja o ponto de vista que se queira considerar.

Séria e bem intencionada como você é, Letícia, além de grande artista, peça-lhe paciência para ler os seguintes números: o rio São Francisco tem uma vazão

de uma hora (ele calado o tempo inteiro), que não estava interessado em discutir o projeto, mas “um plano completo para o semi-árido”.

As coisas em relação a este assunto estão assim: muitos milhões de pessoas no semi-árido (vá lá ver agora o auge da estiagem) desejam ardorosamente este projeto, esperam por ele há séculos. Alguns poucos milhões concentrados nos estados ribeirinhos ao Rio não o querem. A maioria de muitos milhões de brasileiros fora da região está entre a perplexidade e a desinformação pura e simples. Como se deve proceder numa democracia republicana num caso como este?

O conflito de interesses é inerente a uma sociedade tão brutalmente desigual quanto a nossa. Só o amor aos ritos democráticos, a compaixão genuína para entender e respeitar as demandas de todos e procurar equacioná-las com inteligência, respeito, tolerância, diálogo e respeito às instituições coletivas nos salvarão da selvageria que já é grande demais entre nós.

Por mais nobres que sejam seus motivos - e são, no mínimo, equivocados -, o bispo Cappio não tem direito de fazer a Nação de refém de sua ameaça de suicídio. Qualquer vida é preciosa demais para ser usada como termo autoritário, personalista e messiânico de constrangimento à República e a suas legítimas instituições.

Proponho a você, se posso, Letícia: vá ao bispo Cappio, rogue a ele que suspenda seu ato unilateral e que venha, ou mande aquele que lhe aconselha no assunto, fazer um debate num local público do Rio ou de São Paulo.

Imagine se um bispo a favor do projeto resolver entrar em greve de fome exigindo a pronta realização do projeto. Quem nós escolheríamos para morrer? Isto evidencia a necessidade urgente deste debate fraterno e respeitoso. Manda um abraço para os extraordinários e queridos Osmar Prado e Wagner Moura e, por favor, partilhe com eles esta cartinha. Patrícia tem meus telefones. Um beijo fraterno do Ciro Gomes

■ Ciro Gomes é deputado federal (PSB-CE) e foi ministro da Integração Nacional



A CARTA DE LETÍCIA A CIRO GOMES

Caro deputado Ciro Gomes, antes de visitar frei Luiz Cappio em Sobradinho, tinha conhecimento desse projeto da transposição de águas do Rio São Francisco, através da imprensa, das quais participei a convite de minha querida amiga, a ministra Marina Silva. Há alguns anos, quieta também, venho escutando pontos de vista diversos de ambientalistas, dos movimentos sociais, de nossa ministra do Meio Ambiente e refletindo junto com o Movimento Humanos Direitos (MHuD), do qual faço parte. Acompanho a luta de povos indígenas e ribeirinhos, sempre tão ameaçados por projetos de grande porte, que visam a destinar grande poder para um pequeno grupo em troca de tanto prejuízo para esses povos, ao nosso patrimônio social, ambiental e cultural.

Acredito que devam existir benefícios com a transposição, mas pergunto, deputado, quem realmente se beneficiará com esta obra: o povo necessitado do semi-árido ou as grandes irrigações agrícolas e indústrias siderúrgicas? Afinal, a maior parte da água (bem comum do povo brasileiro) servirá para a produção agrícola e industrial de exportação e apenas 4% dessa água serão destinados ao consumo humano.

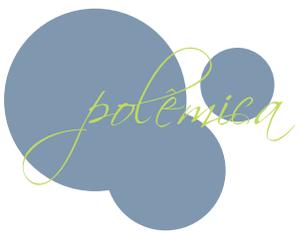
Sabendo do desgaste que historicamente vem sofrendo o rio, necessitado de efetiva revitalização, sabendo do custo elevado de uma obra que atra-

vessará alguns decênios até ser concluída e em se tratando de interferir tão bruscamente no patrimônio ambiental, utilizando recursos públicos, por que razão, em sendo sua excelência deputado federal, este projeto não foi ampla e especificamente discutido e votado no Congresso? Por qual motivo essa obra tão “democrática” foi imposta como a única solução para resolver a questão da seca no semi-árido quando propostas alternativas, que descentralizam o poder sobre as águas, não foram levadas em consideração? No dia 19 de dezembro de 2007, o que presenciei na Praça dos Três Poderes, em Brasília, foi a insensibilidade do Poder Judiciário, a intransigência do Poder Executivo, e a omissão do Congresso Nacional. Será que não precisamos mesmo falar mais sobre democracia republicana, representativa? Ou melhor, praticar mais?

Quanto ao gesto de frei Luiz, sinto que o senhor não age com justiça, quando não reconhece na ação do frei uma profunda nobreza. Sinto muito que o senhor ainda insista em desqualificá-lo. Por tê-lo conhecido e com ele conversado, participado de sua missa na Capela de São Francisco junto aos pobres, pude testemunhar sua alma amorosa e plena de compaixão humana, pastor de uma Igreja que mobiliza e não anestesias, que ajuda a conscientizar e formar cidadãos. Ele vive há mais de trinta anos entre ribeirinhos, indígenas, trabalhadores rurais, quilombolas e é por eles querido e respeitado.

Conhece profundamente as alternativas propostas pelos movimentos sociais, compostos por técnicos e estudiosos que há muitos anos pesquisam o semiárido.

Uma dessas alternativas foi proposta pela Agência Nacional de Águas, com o Atlas do Nordeste, que foi objeto de seu debate com Roberto Malvezzi, da Comissão Pastoral da Terra, cuja honestidade intelectual o senhor publicamente enalteceu em seminário realizado na UFF. Ele mostrou que o projeto da ANA custaria R\$ 3,3 bilhões, metade do custo da transposição, beneficiando com água potável 34 milhões de pessoas, abarcando nove estados: então, por que



o governo não levou em consideração esta opção mais barata e mais abrangente? Infelizmente, caro deputado, Dom Cappio não exagerou quando decidiu fazer seu jejum e fortalecer suas orações para chamar a atenção de todos à realidade do povo nordestino. O governo do presidente Lula optou por um modelo de desenvolvimento neocolonial que, dando continuidade à tradição de realizar grandes obras para marcar seus mandatos, sacrifica o povo com o custo de seus empreendimentos, enquanto o que esperávamos deste governo era a prática de uma verdadeira democracia.

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2007

■ **Letícia Sabatella é atriz**



A CARTA DE DOM CAPPIO

Advento do Senhor

Aos meus irmãos e irmãs do São Francisco, do Nordeste e do Brasil - Paz e Bem!

“Fortalecei as mãos enfraquecidas e firmai os joelhos debilitados. Dizei às pessoas deprimidas: ‘Criaí ânimo, não tenhais medo! Vede, é vosso Deus, é a vingança que vem, é a recompensa de Deus: é Ele que vem para nos salvar’. Então se abrirão os olhos dos cegos e se descerrarão os ouvidos dos surdos. O coxo saltará como um cervo e se desatará a língua dos mudos”. (Isaías 35, 3-6)/

No dia de ontem completei 36 anos de sacerdócio – 36 anos a serviço dos favelados de Petrópolis (RJ), dos trabalhadores da periferia de São Paulo e do povo dos sertões sem-fim do nordeste brasileiro. Ontem, vimos com desalento os poderosos festejarem a demonstração de subserviência do Judiciário. Ontem, quando minhas forças faltaram, recebi o socorro dos que me acompanham nesses longos e sofridos dias.

Mas nossa luta continua e está firmada no fundamento que a tudo sustenta: a fé no Deus da vida e na ação organizada dos pobres. Nossa luta maior é garantir a vida do rio São Francisco e de seu povo, garantir acesso à água e ao verdadeiro desenvolvimento para o conjunto das populações de todo o semi-árido, não só uma parte dele. Isso vale uma vida e sou feliz por me dedicar a esta causa, como parte de minha entrega ao Deus da Vida, à Água Viva que é Jesus e que se dá àqueles que vivem massacrados pelas estruturas que geram a opressão e a morte.

Uma de nossas grandes alegrias neste período foi ter visto o povo se levantando e reacendendo em seu coração a consciência da força da união, crianças e jovens cantando cantos de esperança e gritos de ordem com braços erguidos e olhos mirando o futuro que almejamos para o nosso Brasil querido. Um futuro onde todos, todos sem exceção de ninguém, tenham pão para comer, água para beber, terra para trabalhar, dignidade e cidadania.

Recebi com amor e respeito a solidariedade de cada um, próximo ou distante. Recebi com alegria a solidariedade de meus irmãos bispos, padres e pastores, que manifestaram de forma tão fraterna a sua compreensão sobre a gravidade do momento que vivemos. Através do seu posicionamento corajoso, a CNBB nos devolveu a esperança de vê-la voltar a ser o que sempre foi em seus tempos áureos: fiel a Jesus e seu Evangelho, uma instituição voltada às grandes causas do Brasil e do seu povo e com uma postura clara e determinada na defesa da dignidade da pessoa humana e de seus direitos inalienáveis, principalmente se posicionando do lado dos pobres e marginalizados desse país.

Ouvi com profundo respeito o apelo de meus familiares, amigos e das irmãs e irmãos de luta que me acompanham e que sempre me quiseram vivo e lutando pela vida. Lutando contra a destruição de nossa biodiversidade, de nossos rios, de nossa gente e contra a arrogância dos que querem transformar tudo em mercadoria e moeda de troca. Neste grande mutirão formado a partir de Sobradinho, vivemos um momento ímpar de intensa comunhão e exercício de solidariedade.

Depois desses 24 dias encerro meu jejum, mas não a minha luta que é também de vocês, que é nossa. Precisamos ampliar o debate, espalhar a informação verdadeira, fazer crescer nossa mobilização. Até derrotarmos este projeto de morte e conquistarmos o verdadeiro desenvolvimento para o semi-árido e o São Francisco. É por vocês, que lutaram comigo e trilham o mesmo caminho que eu encerro meu jejum. Sei que conto com vocês e vocês contam comigo para continuarmos nossa batalha para que “todos tenham vida e tenham vida em abundância”.

Sobradinho, 20 de dezembro de 2007

■ **Dom Luiz Flavio Cappio é bispo de Sobradinho**

Estante

Jornalismo exemplar

TEXTO [MARCELO PINTO, DO RIO DE JANEIRO]

A crise ambiental sem precedentes na qual o planeta está atolado não colocou em xeque apenas o modelo de desenvolvimento socioeconômico. O jornalismo também tem sido levado a rever seus conceitos. Diante de um cenário de poluição e desperdício de energia crônicos, não basta reagir aos fatos. Denunciar os crimes ambientais é necessário e urgente, mas o momento exige mais do profissional de comunicação. Tal inquietação tem partido tanto de quem produz como de quem consome notícia. Temas como aquecimento global, água, biodiversidade, uso irracional dos recursos naturais e lixo se ressentem de uma abordagem menos episódica e catastrófica, e mais proativa e sistêmica, baseada em exemplos do que é possível fazer para garantir perspectivas mais esperançosas.

Em “Mundo Sustentável – abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação” (Editora Globo, 304 págs, R\$ 38,00), o jornalista André Trigueiro prova que é possível fazer bom jornalismo, ouvindo todas as partes envolvidas na notícia, e ainda manter-se parcial em favor da qualidade de vida nas cidades.

Criador do curso de Jornalismo Ambiental da PUC-RJ e do premiadíssimo programa Cidades e Soluções, no canal Globo News – onde também apresenta o Jornal das Dez – Trigueiro tem usado com inteligência o espaço que conquistou para “pautar” a sociedade em torno da adoção de soluções criativas e sustentáveis nos mais diversos setores.

O livro traz uma seleção de artigos, entrevistas e comentários do jornalista veiculados na Rádio CBN, no jornal O Globo e no site Ecopop, além da TV. Cada um dos temas abordados traz ao final o complemento de um especialista. Com isso, conforme o próprio autor defende, “o livro alcança dois objetivos importantes: registra, por meio de reportagens e entrevistas, os caminhos da sustentabilidade no Brasil e no mundo, (...) e abre espaço para as opiniões abalizadas de gente reconhecidamente séria e de prestígio na área em que atua.”

Trigueiro não apenas registra ótimos exemplos, como também dá o seu: os direitos autorais da obra, impressa em papel reciclado, destinam-se ao Centro de Valorização da Vida, associação filantrópica voltada à prevenção do suicídio.



MEMÓRIAS REVISITADAS DA DEVASTAÇÃO

“Brasil: o capital natural”, do engenheiro agrônomo e ambientalista Mauro Victor, livro da Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais (Fepaf), é obra obrigatória para os que se interessam sobre a preservação das florestas. Na década de 70, Victor publicou no “Estadão” o ensaio “Cem anos de devastação”, referência para toda uma geração de ambientalistas. A obra traçava panorama da destruição da Mata Atlântica paulista ao longo de vários anos. Nos anos 80, publicou “Floresta Amazônica e Mata Atlântica – Começo e Fim”.

Em seu novo livro, o autor revisita esses ensaios, avalia projeções realizadas no passado e analisa a situação atual da Amazônia, da Mata Atlântica paulista, do Cinturão Verde e das áreas verdes no município de São Paulo. Há ainda um ensaio, intitulado “Cenários para 2015”, em que Victor descreve as perspectivas, sustentáveis ou não, para a cidade de São Paulo, de acordo com as políticas públicas a serem adotadas.

O ESPÍRITO DA COLMEIA

ABELHAS NATIVAS E NOVAS
ESPÉCIES MAIS PRODUTIVAS
FAZEM **MEL** E ADOÇAM A VIDA.
E AINDA IRRIGAM RENDA DE FORMA
ABSOLUTAMENTE SUSTENTÁVEL

TEXTO [SERGIO LUTZ]

FOTO [DIVULGAÇÃO]

Muito já se falou e estudou sobre abelhas, e muito ainda há de ser falado e descoberto sobre estes seres. No Brasil, temos diversos tipos de abelhas nativas ou indígenas sem ferrão: urucu, jataí, mandaçaia, iratim e outras. Cada uma delas com suas características específicas quanto a produção de mel, tamanho, hábitos, colméias etc. Uma das abelhas mais conhecidas é a pequenina jataí. Adaptada, de certa forma, ao convívio com a urbanidade, pode ser vista em alguns muros e jardins das grandes cidades, onde ela constrói sua colméia, com a característica entrada em forma de cachimbo de cera. Esta abelha tem boas chances de sobreviver a derrubada das matas, o que não acontece com outras abelhas indígenas. O mel de abelhas indígenas é raro e saboroso: "saliva doce, doce mel, mel de urucú" (Alceu Valença). Quando falamos em criação de abelhas nativas, tratamos por meliponicultura.

A introdução no Brasil de abelhas européias (abelhas apis) só aconteceu em meados do século XIX por iniciativa do padre Antônio Carneiro, e mais tarde por imigrantes alemães que se estabeleceram principalmente no sul do Brasil. A falta de técnica, consanguinidade, e seleção natural negativa, fez com que a apicultura brasi-

leira produzisse cada vez menos. Em 1956, o professor Warwick Estevam Kerr trouxe para o Brasil a abelha africana, que se disseminou pelo território brasileiro, missigenando com a européia. Esta abelha européia africanizada, se mostrou muito mais produtiva e agressiva. No início os apicultores brasileiros ficaram assustados e apreensivos. Mais tarde, com o desenvolvimento de novas técnicas apícolas, pode-se tirar proveito da produtividade da nova abelha, sem temer a agressividade.

Uma colméia de abelhas apis pode ter mais de 60 mil abelhas, e produzir mais de 50 litros de mel por ano. Uma colônia de meliponas não chega a ter uma centena de abelhas, e produz cerca de 1 litro de mel por ano. Por isso mesmo o mel de urucu ou mandaçaia é bem mais caro do que o mel das abelhas européias africanizadas. Não só é mais caro, como é diferente em textura, sabor e propriedades medicinais. Se alguém achar uma colônia de urucú em um cajuzeiro, terá achado, na opinião de muitos, o melhor mel que existe. Mas cuidado, não estrague a colônia e o cajuzeiro para tirar o mel. Se informe e faça a extração com a técnica correta. Assim você estará preservando o "pote de ouro", e possibilitando futuras extrações.

Para saber mais sobre meliponicultura: "Vida e criação de abelhas indígenas sem ferrão", de Paulo Nogueira-Neto, Editora Nogueirapis.

Sobre apicultura: "Apicultura novos tempos", de Helmuth Wiese, Editora Agropecuária. ●

BAHIA

de todos os Santos

ESTA É A TERCEIRA VERSÃO DO BELO POEMA DE GILBERTO FREYRE "BAHIA DE TODOS OS SANTOS E DE QUASE TODOS OS PECADOS", DE 1962. AS DUAS PRIMEIRAS VERSÕES SÃO DE 1926 E 1942. ELA COMPÕE O LIVRO "BAHIA E BAIANOS", EDITADO PELA FUNDAÇÃO DAS ARTES E EMPRESA GRÁFICA DA BAHIA, EM 1990. UMA EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 90 ANOS DE NASCIMENTO DE GILBERTO FREYRE. MANUEL BANDEIRA CONSIDERAVA-O, REFERINDO-SE À PRIMEIRA VERSÃO, "UM DOS MAIS SABOROSOS DO CICLO DAS CIDADES BRASILEIRAS". QUASE OITENTA E DOIS ANOS DEPOIS DE SUA CRIAÇÃO, MUDARAM

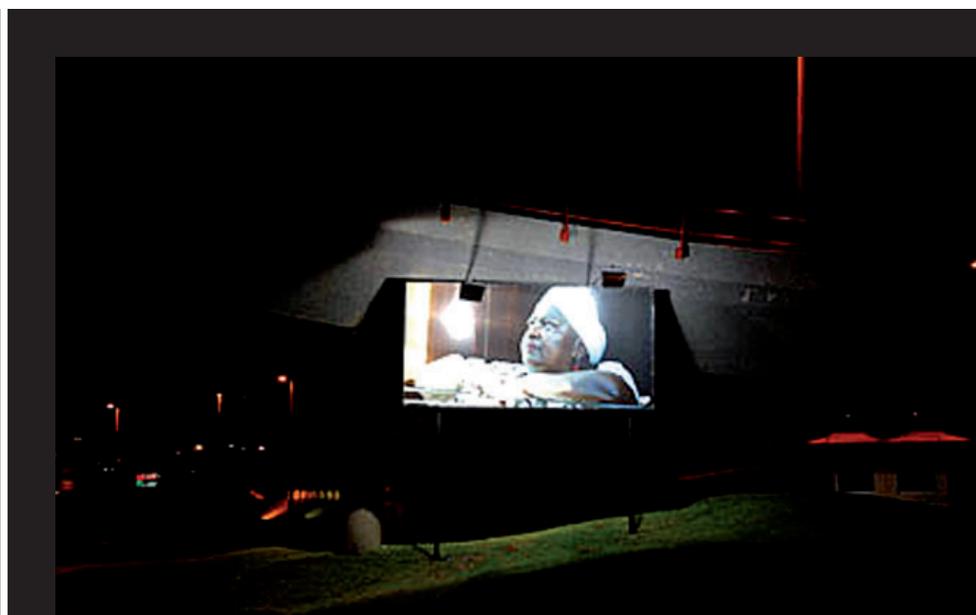




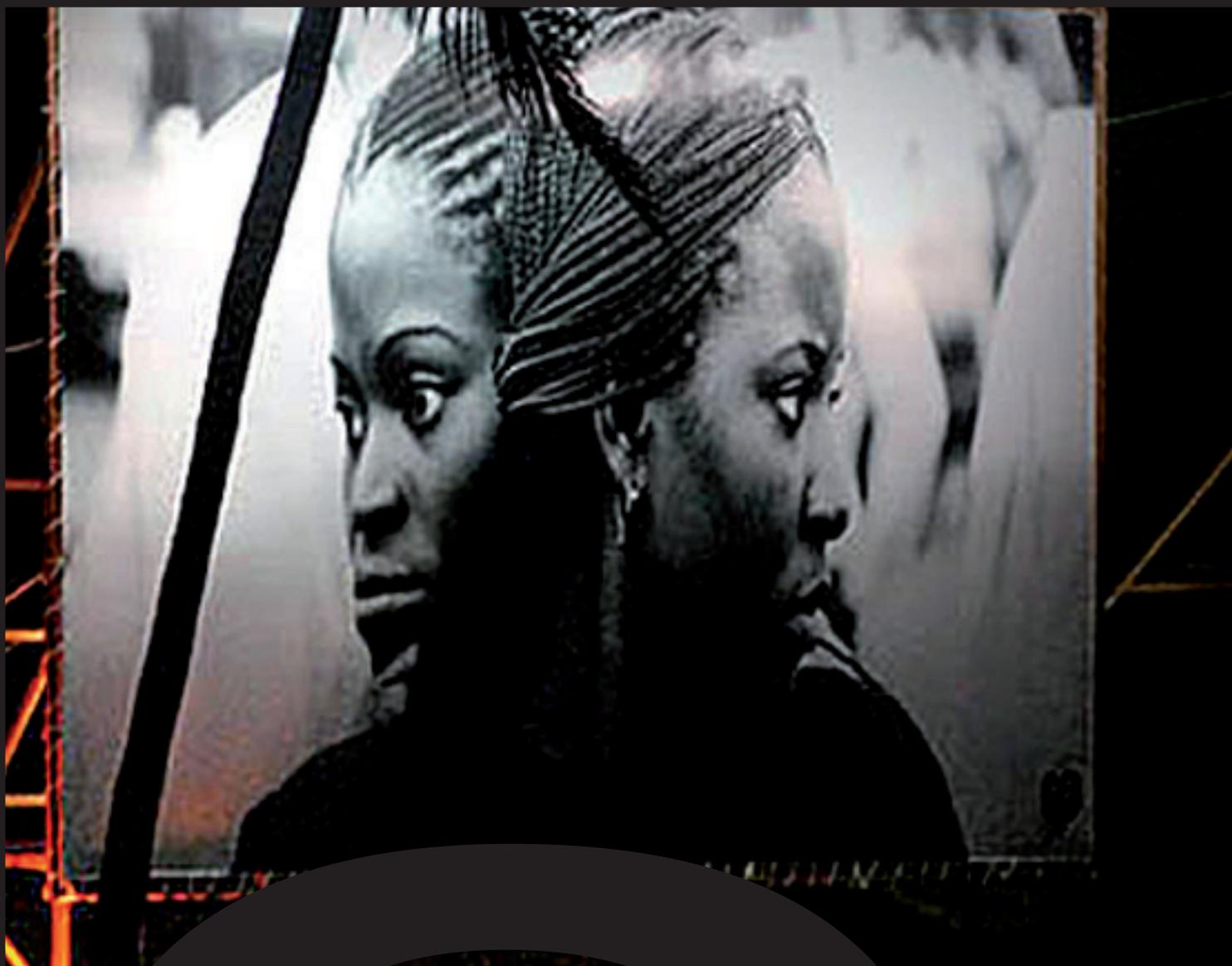
59 >

OS PERSONAGENS, MUDARAM OS LETREIROS, MUDOU ATÉ O CENÁRIO, MAS NÃO MUDOU O ESSENCIAL: A BAHIA CONTINUA SENDO A MATERNAL CIDADE GORDA QUE ENCANTOU GILBERTO FREYRE E QUE DURANTE 22 ANOS ACOLHEU ESTE PAULISTA, HOJE NOVAMENTE EM SÃO PAULO. NAS IMAGENS DA MOSTRA A CÉU ABERTO, SALVADOR NEGROAMOR, PROJETO QUE REVELOU A BELEZA DA BAHIA E DOS BAIANOS, OS VERSOS DE GILBERTO FREYRE VÃO SE ENCAIXANDO COMO UM NOVO POEMA

DIRCEU MATRANGOLO







NEGRO AMOR DE SALVADOR

BAHIA DE TODOS OS SANTOS E DE QUASE TODOS OS PECADOS

Gilberto Freyre

Bahia de Todos os Santos (e de quase todos os pecados)
Casas trepadas umas por cima das outras
casas, sobrados, igrejas, como gente se espremendo pra
[sair num retrato de revista ou jornal
(vaidade das vaidades! diz o Eclesiastes)
igrejas gordas (as de Pernambuco são mais magras)
toda a Bahia é uma maternal cidade gorda
como se dos ventres empinados dos seus montes
dos quais saíram tantas cidades do Brasil
inda outras estivessem pra sair
ar mole oleoso
cheiro de comida
cheiro de incenso
cheiro de mulata
bafos quentes de sacristias e cozinhas
panelas fervendo
o Santíssimo Sacramento se elevando
mulheres parindo
cheiro de alfazema
remédios contra sífilis
letreiros como este:
Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo
(Para sempre! Amém!)
automóveis a 30\$ a hora
e um Ford todo osso sobe qualquer ladeira
saltando pulando tilintando
pra depois escorrer sobre o asfalto novo
que branqueja como dentadura postiça em terra
encarnada (a terra encarnada de 1500)
gente da Bahia!
preta, parda, roxa, morena
cor dos bons jacarandás de engenho do Brasil
(madeira que cupim não rói)sem rosto cor de fiambre
nem corpos cor de peru frio
Bahia de cores quentes, carnes morenas, gostos picantes
eu detesto teus oradores, Bahia de Todos os Santos
teus ruis barbosas, teus otaviosmangabeiras
mas gosto das tuas iaiás, tuas mulatas, teus angus
tabuleiros, flor de papel, candeeirinhos
tudo à sombra das tuas igrejas
todas cheias de anjinhos bochechudos
sãojões sãojosés meninozinhosdeus
e com senhoras gordas se confessando a frades mais
magros [do que eu
O padre reprimido que há em mim
e exalta diante de ti Bahia
e perdoa tuas superstições
teu comércio de medidas de Nossa Senhora e de
Nossosenhores do Bonfim
e vê no ventre dos teus montes e das tuas mulheres
conservadores da fé uma vez entregue aos santos
multiplicadores de cidades cristãs ne de criaturas de Deus
Bahia de Todos os Santos
Salvador
São Salvador
Bahia

Negras velhas da Bahia
vendendo mingau angu acarajé
Negras velhas de chalé encarnado
peitos caídos
mães das mulatas mais belas dos Brasis
mulatas de gordo peito em bico como pra dar de mamar
a todos os meninos do Brasil
Mulatas de mãos quase de anjos
mãos agradando ioiôs
criando grandes sinhôs quase iguais aos do Império
penteando iaiás
dando cafunés nas sinhás
enfeitando tabuleiros cabelos santos anjos
lavando o chão de Nosso Senhor do Bonfim
pés dançando nus nas chinelas sem meia
cabeções enfeitados de rendas
estrelas marinhas de prata
tetéias de ouro
balangandás
presentes de português
óleo de côco
azeite-de-dendê
Bahia
Salvador
São Salvador
Todos os Santos
Tomé de Sousa
Tomes de Sousa
padres, negreos, caboclos
Mulatas quadrarunas octorunas
a Primeira Missa
ou malés
índias nuas
vergonhas raspadas
candomblés santidades heresias sodomias
quase todos os pecados
ranger de camas-de-vento
corpos ardendo suando de gozo
Todos os Santos
missa das seis
comunhão
gênios de Sergipe
bacharéis de pince-nez
literatos que lêem Menotti Del Pichia e Mario Pinto Serva
mulatos de fala fina
moleques
capoeiras feiticeiras
chapéus-do-chile
Rua Chile
viva J.J. Seabra
morra J.J. Seabra
Bahia
Salvador
São Salvador
Todos os Santos
um dia voltarei com vagar ao teu seio moreno brasileiro
às tuas igrejas onde pregou Vieira moreno hoje
cheias defrades ruivos e bons aos teus tabuleiros
escancarados em x (esse x é o futuro do Brasil)
a tuas casas a teus sobrados cheirando a
incenso comida alfazema cacau



2000

ANOS DE FUNDAÇÃO DO
Brasil

EM 1808, D. JOÃO SEXTO DESEMBARCOU NO BRASIL. O FATO FOI TÃO IMPORTANTE QUANTO O DESCOBRIMENTO, POIS MARCOU DEFINITIVAMENTE A COLONIZAÇÃO DO PAÍS. É ASSUNTO DO QUAL TRATAREMOS NA PRÓXIMA EDIÇÃO DE PLURALE EM REVISTA. O SURGIMENTO DO BANCO DO BRASIL, A CORTE E O JEITINHO BRASILEIRO.



Agência Brasil

DEZ ANOS DEPOIS

O Protocolo de Kyoto completou, recentemente, 10 anos. A data serviu alerta. Naquela época, foi estabelecido que os países ricos precisam cortar 5,2%, em média, das emissões de gases-estufa, em relação a 1990, entre 2008 e 2012. O único país que não segue essas metas são os Estados Unidos. Os demais trabalham há alguns anos em estratégias de redução de suas emissões. Ainda assim, projeções da ONU indicam que nem todos conseguirão cumprir o prometido. Os mais céticos alertam para os pequenos resultados do encontro de Bali. E que ainda é incerto qual será o tratado a suceder Kyoto a partir de 2012. Mas é preciso sempre acreditar que é possível melhorar, registrar bons resultados. Agora será a vez de novo encontro dos principais países sobre o clima no Havaí. Há dados, no entanto, que devem servir de alerta. Entre 1994 e 2005, houve crescimento de 45% nas emissões de gás carbônico pelo Brasil. As queimadas na Amazônia e no Centro-Oeste, principalmente para o pasto, contribuíram – e muito – nesta conta.

BELO EXEMPLO

Quem integra a ala mais experiente - como eu, Carlos Franco e toda redação de Plurale - certamente se lembra dos tempos de mensageiros chegando às redações carregados de brindes de Natal de empresas. Aqueles que nos conhecem sabem que tínhamos por princípio distribuir para toda a equipe - motoristas, secretárias, contínuos, etc. Algumas empresas fizeram bonito este ano. Deram brindes corretos seja pelo lado social ou ambiental. A Vale do Rio Doce, por exemplo, plantou árvores com o nome de jornalistas na Floresta Nacional de Carajás (PA). A área que já funcionou a Mina do Arenito e está sendo recuperada e transformada em local de preservação. Plurale está lá representada. A ação faz parte do esforço da Vale que até 2010 plantará 346 milhões de árvores nos países onde atua.

SINAL DE ALERTA

De acordo com relatório recentemente divulgado pelo CDP (*Carbon Disclosure Project*, "projeto de exposição do carbono"), iniciativa internacional feita pelo segundo ano consecutivo no Brasil, as maiores empresas abertas brasileiras com ações cotadas na Bolsa de Valores de São Paulo estão bem atentas a questão das mudanças climáticas globais e seus efeitos. No entanto, ainda não incorporaram o tema em seus planejamentos estratégicos. "Nenhuma delas, ainda, passou da etapa do planejar", disse Giovanni Barontini, da consultoria Fábrica Ethica Brasil, que preparou a versão brasileira do estudo.

NO PREGÃO

Neste primeiro trimestre, entra em operação a *Green Exchange*, uma nova bolsa mundial para a negociação dessa moeda verde. Pertencente à *New York Mercantile Exchange*, maior mercado mundial de opções e futuros, a iniciativa tem apoio também de gigantes do setor financeiro global, como Morgan Stanley, Credit Suisse, JPMorgan e Merrill Lynch. Calcula-se potencial de movimentação imediata de mais de US\$ 60 bilhões do mercado de créditos de carbono.

ALUNOS "VERDES"

Alunos da 6ª turma do MBA Finanças, Comunicação e Relações com Investidores da FIPECAFI (Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras) / IBRI (Instituto Brasileiro de Relações com Investidores) realizaram o Projeto Zero Carbono. Tudo começou em junho de 2007 e em novembro do ano passado fizeram o plantio das mudas em Santana do Paranaíba (SP). Estão sendo plantadas 300 árvores de, no mínimo, 30 espécies diferentes, entre elas: Pau Brasil, Cedro, Peroba, Pau Ferro, Jatobá e Canela Preta, para favorecer a diversidade de espécies.

CRÉDITO

De Bali veio uma boa notícia. O Banco Mundial está testando linha de crédito destinada a ajudar países em desenvolvimento a reduzir suas emissões de gases geradores do efeito estufa provenientes do desmatamento. Isso, potencialmente, poderá proporcionar a essas nações um maior acesso aos mercados de negociação de créditos de carbono. O presidente do Banco Mundial, Robert Zoellick, anunciou que "novos mecanismos de financiamento podem ser uma ferramenta para proteger a floresta e sustentar os povos nativos."

BNDES ENTRA NO MERCADO

Pelo tamanho e relevância, esta é uma estréia que tem tudo para ser definitiva. daquelas que marcam uma fase antes e depois. O BNDES confirmou sua intenção de financiar futuros projetos de crédito de carbono no Brasil. Dois fundos de *private equity* – que terão o nome oficialmente divulgado em breve – foram selecionados para fazer a gestão de até R\$ 200 milhões que fazem parte do Programa de Desenvolvimento Limpo do BNDES.

Frases

S

A NATUREZA É O
ÚNICO LIVRO QUE
OFERECE UM CONTEÚDO
VALIOSO EM TODAS
AS SUAS FOLHAS

JOHANN
GOETHE

A VITALIDADE NÃO SE REVELA APENAS
NA CAPACIDADE DE PERSISTIR,
MAS TAMBÉM NA DE COMEÇAR TUDO
DE NOVO.

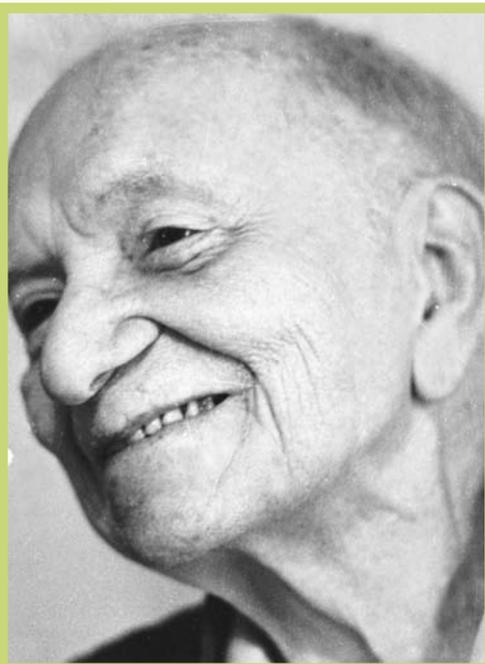
SCOTT FITZGERALD

NOSSO CÉREBRO É O
MELHOR BRINQUEDO JÁ
CRIADO: NELE SE
ENCONTRAM TODOS OS
SEGREDOS, INCLUSIVE
O DA FELICIDADE

CHARLES
CHAPLIN

QUANDO SE
SONHA SOZINHO
É APENAS UM
SONHO. QUANDO
SE SONHA JUNTOS
É O COMEÇO DA
REALIDADE.

DOM
QUIXOTE



FAÇA O QUE FOR
NECESSÁRIO PARA
SER FELIZ. MAS NÃO
SE ESQUEÇA QUE A
FELICIDADE É UM
SENTIMENTO
SIMPLES, VOCÊ
PODE ENCONTRÁ-LA E
DEIXÁ-LA IR EMBORA
POR NÃO PERCEBER
SUA SIMPLICIDADE.

MARIO
QUINTANA

QUEM ANDA
NO TRILHO É
TREM DE FERRO,
SOU ÁGUA QUE
CORRE ENTRE
PEDRAS:
LIBERDADE
ÇAÇA JEITO.

MANOEL
DE
BARROS

SE VOCÊ AGIR SEMPRE COM DIGNIDADE,
PODE NÃO MELHORAR O MUNDO, MAS UMA
COISA É CERTA: HAVERÁ NA TERRA
UM CANALHA A MENOS.

MILLÔR
FERNANDES

O MAL É DOCE
NO COMEÇO,
MAS AMARGO
NO FIM.

PROVÉRBIO JUDAÍCO

DICA DA CASA:

É COEFICIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE.
VOCÊ NUNCA IMAGINOU QUE ISSO TUDO
PUDESSE VIRAR ASSUNTO DE BAR.

Além da qualidade da sua bebida, a AmBev também tem outra preocupação: o meio ambiente. Até porque não tem coisa mais importante para uma empresa que visa sempre fabricar os melhores produtos do que preservar a natureza. É de lá que saem as matérias-primas da sua cerveja, dos seus refrigerantes e até a sua água. E foi pensando no futuro que hoje a AmBev é considerada uma empresa-modelo em gestão ambiental, com índices grandiosos em ecoeficiência: a Companhia é referência mundial na utilização de água, consumo de energia e reaproveitamento de resíduos industriais. Por isso ela também investe em projetos como a Recicloteca, um dos maiores centros de informações e estudos sobre reciclagem e meio ambiente da América Latina. E não pára por aí: a AmBev também desenvolve um Programa de Consumo Responsável que incentiva a lei que proíbe vender bebidas para menores de idade e uma campanha que alerta sobre os riscos de beber e dirigir. Os resultados estão aparecendo e o orgulho da Gente AmBev não pára de crescer. Se o desafio é a atuação responsável, estamos desafiando o desafio.

AmBev





Onde você vê alegria, você vê O Boticário.

Respeito, cuidado e atitude são tão importantes para o ser humano quanto para uma empresa. No Boticário, esses valores estão presentes na fabricação dos produtos, no atendimento nas lojas e em nossa cadeia de relacionamentos – do consumidor ao colaborador. Estão também na Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, que há mais de 17 anos apóia e mantém centenas de projetos de conservação ambiental. E norteiam nossos projetos sociais e culturais nas comunidades. Isso porque O Boticário entende que uma empresa só tem sentido quando trabalha para o futuro da sociedade e a preservação dos recursos naturais do País. É por isso que O Boticário se reinventa. Para você viver num mundo ainda melhor.

O Boticário[®]